



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**A FESTA DE SÃO JOÃO EM GRAVATÁ-PE: UMA HISTÓRIA DE SUAS
TRANSFORMAÇÕES ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI**

LUCAS EMMANUEL PEREIRA DE LIMA

RECIFE

2021

LUCAS EMMANUEL PEREIRA DE LIMA

**A FESTA DE SÃO JOÃO EM GRAVATÁ-PE: UMA HISTÓRIA DE SUAS
TRANSFORMAÇÕES ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAEADTec, no curso de Licenciatura Plena em História, como pré-requisito para a aprovação na disciplina Monografia.

Orientação: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L732f Lima, Lucas Emmanuel Pereira de
A festa de São João em Gravatá-PE: uma história de suas transformações entre os séculos XX e XXI /
Lucas Emmanuel Pereira de Lima. - 2021.
90 f. : il.
- Orientador: Leandro Nascimento Souza.
Inclui referências e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2023.
1. Festa junina. 2. São João. 3. Gravatá. 4. Forró. I. Souza, Leandro Nascimento, orient. II. Título

CDD 909



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO- TCC

Ata de Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, do discente **LUCAS EMMANUEL PEREIRA DE LIMA**.

Aos 16 dias, do mês de agosto de 2021, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso Licenciatura em História do discente **Lucas Emmanuel Pereira de Lima**, intitulado: "A FESTA DE SÃO JOÃO EM GRAVATÁ-PE: UMA HISTÓRIA DE SUAS TRANSFORMAÇÕES ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI".

Compôs a banca examinadora os professores Dr. Leandro Nascimento Souza (Orientador), Dr. Lucas Victor Silva (avaliador 1), Dr. Hugo Coelho Vieira (avaliador 2). Após a apresentação oral o candidato foi arguido pelos componentes da banca que se reuniram, reservadamente, e decidiram aprovar, com nota 8,5 (oito e meio) o trabalho de conclusão de curso. O discente está ciente sobre a entrega do trabalho final com as correções/revisão sugeridas pela banca no prazo de 30 dias a partir desta data. Para constar, a presente Ata, após aprovação de todos os presentes, vai assinada por mim, orientador, pelo discente e demais membros da banca.

Dr. Leandro Nascimento Souza (Orientador)

Dr. Lucas Victor Silva (Examinador)

Dr. Hugo Coelho Vieira (Examinador)

Lucas Emmanuel Pereira de Lima (discente)

À Teteu e Tia Doda, mulheres que
cuidaram de mim quando eu era
criança. (In memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos governos do PT em nome do presidente Lula e da presidenta Dilma que implementaram e mantiveram a Universidade Aberta do Brasil (UAB);

À Universidade Rural de Pernambuco pela oportunidade;

Aos professores que fizeram parte dessa minha nova formação;

Ao professor Leandro Souza pela paciência e disponibilidade;

À Lucas Victor e Hugo Coelho que fizeram parte dessa banca;

À Alice Maciel que contribuiu significativamente na construção deste trabalho;

Aos entrevistados que em meio a pandemia se disponibilizaram e foram muito solícitos;

À Sérgio da banda Xike Xote (Gravatá) que me disponibilizou algumas imagens iconográficas;

À todos que indiretamente participaram da construção deste trabalho acadêmico me ajudando com datas, eventos, locais e ideias;

E as pessoas que fizeram vista grossa e não foram receptivos com minha procura por fontes, porque é na dificuldade que a gente se reinventa.

From United States of Piauí

Unite States of...

Unite States of...

Unite States of...

... of Piauí

A minha prima lá do Piauí

Deixou de fazer renda só pra ver novela

A minha prima lá do Piauí

Não bebe mais garapa: vai de coca-cola

Luz de Candeeiro não se usa mais

Luz artificial substitui o gás

Calça de couro, alvorada e brim

Deram o seu lugar pra uma tal calça lee

A minha prima escreveu pra mim

E não fala "venha cá", só fala "come here"

Vou mandar minha resposta breve

Para United States of Piauí

Composição: Gonzaguinha – Interpretação: Luiz Gonzaga

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

| Ilustrações | Descrição | Página |
|--------------------|---|---------------|
| Figura 1 | Imagens dos Santos Antônio, João e Pedro | 22 |
| Figura 2 | Decoração Junina da cidade de Gravatá | 23 |
| Figura 3 | Comidas típicas do festejo Junino | 26 |
| Figura 4 | Antiga Capela de Sant'Ana | 32 |
| Figura 5 | Atual Matriz de Sant'Ana | 33 |
| Figura 6 | Visão do Cruzeiro | 34 |
| Mapa 01 | Localização geográfica do município de Gravatá | 35 |
| Figura 7 | Paço Municipal Joaquim Didier | 36 |
| Figura 8 | Fábrica São José | 37 |
| Figura 9 | Notícia do Jornal do Recife | 38 |
| Figura 10 | Estação de Trem de Gravatá na década de 1960 | 38 |
| Figura 11 | Casas de Aluguel para pessoas enfermas | 39 |
| Figura 12 | Banda XV de Novembro em 1942 | 43 |
| Figura 13 | Grupo Musical de Ênio Barbosa | 44 |
| Figura 14 | Típico Palhoção de São João | 46 |
| Figura 15 | Trem do Forró chegando em Gravatá | 47 |
| Figura 16 | Matéria de lançamentos da Semana Santa e São João | 52 |
| Figura 17 | Capa da Revista Gravatá de 2001 | 53 |
| Figura 18 | Matéria da Revista Gravatá sobre a BR-232 | 54 |
| Figura 19 | Programação do São João de Gravatá em 2004 | 56 |
| Figura 20 | Capa da Revista Gravatá de 2004 | 57 |
| Figura 21 | Apresentação da Orquestra Sanfônica de Gravatá | 62 |
| Figura 22 | Apresentação de Leo do Acordeon no Polo Cultural | 63 |
| Figura 23 | Cidade cenográfica no Polo da Sanfona | 65 |
| Figura 24 | Parque Chucre Mussa Zarzar em 2019 | 66 |

LISTA DE TABELAS E QUADROS

| Tabela | Descrição | Página |
|---------------|---|---------------|
| Quadro 1 | Lista de pessoas entrevistadas | 13 |
| Tabela 01 | Evolução da população de Gravatá de 1970 a 2000 | 40 |
| Tabela 02 | População Residente entre 1970 e 2000 | 41 |

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

| Sigla | Descrição | Página |
|--------------|--|---------------|
| CDG | Centro Desportivo Gravataense | 43 |
| SJ | São João | 47 |
| SJG | São João de Gravata | 46 |
| EREM | Escola de Referência do Ensino Médio | 48 |
| AABB | Associação Atlética Banco do Brasil | 52 |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas | 58 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 CULTURA, REPRESENTAÇÕES, E PRÁTICA NA FESTA JUNINA: ASPECTOS TEÓRICOS | 17 |
| 2 GRAVATÁ: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS..... | 30 |
| 3 SENHORAS E SENHORES: A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO DA FESTA DE SÃO JOÃO DE GRAVATÁ!..... | 49 |
| CONCLUSÕES | 68 |
| REFERÊNCIAS..... | 71 |
| APÊNDICES | 73 |
| ANEXOS | 77 |

INTRODUÇÃO

As festas são fortes manifestações dos aspectos culturais e identitários de um povo. O Nordeste tem uma forte tradição cultural ligada à música e a festa: o São João. Esta festividade pode ser considerada a matriz da musicalidade, tradições, cultura e economia desta região. O São João carrega as tradições de um povo, um modo particular de hábitos e costumes que formam a história da população nordestina.

As manifestações culturais das festas juninas são exemplos nítidos de como esta tradição está relacionada aos ciclos de colheita do milho, à estação chuvosa, ao período de aquecimento econômico para os músicos, comércio local e do próprio município.

A Festa Junina nordestina enquanto manifestação popular é um evento simbólico que segundo Nóbrega (2010) é de origem rural e representa um período de chuvas, logo também simboliza um ciclo de fartura. Ela acontece em junho e popularmente é chamada de Festa de São João, apesar de que há celebrações para outros santos, como Santo Antônio e São Pedro. Esta comemoração popular surge como referência da igreja católica, por isto as crenças e manifestações do ciclo junino estão associadas a santos.

No entanto, não é apenas no sentido religioso que se pode conceituar o ciclo junino, na tradição nordestina há referências musicais que caracterizam esse período e a cultura local. O forró, baião, xaxado e xote podem ser considerados matrizes sonora da festividade junina nordestina, com a apresentação musical de trios pés de serra¹. Além disso, existem as quadrilhas que são populares, geralmente apresentadas e/ou organizadas por escolas, grupos de bairro e grupos de dança que se profissionalizaram nesta área.

Outra referência é a parte gastronômica como mencionado anteriormente. A Festa Junina nordestina está ligada ao ciclo de colheita do milho e, portanto, muitas das comidas produzidas neste período têm como ingrediente principal o milho. Assim como os santos, existem outros elementos

¹ Trio pé de Serra foi muito divulgado pelo artista nordestino Luiz Gonzaga, esse grupo musical é constituído por uma pessoa que toca acordeom, uma que toca o Zabumba e outro que toca o triângulo. Sendo assim um trio que na maioria das vezes foca seu repertório musical nos ritmos e canções nordestinas.

simbólicos no contexto da festa como a fogueira, as bandeiras e balões coloridos que decoram as casas e ruas das maiorias das cidades do Nordeste.

Tradicionalmente nas primeiras décadas do século XX o São João era uma festa de pequena dimensão, sendo geralmente organizadas por famílias, grupos e bairros. Todavia, em algumas cidades este evento foi tomando grandes proporções, transformando-se em megaeventos. Isto fez com que a lógica da estrutura da festa sofresse alterações, tornando essa manifestação cultural em grandes espetáculos.

É neste contexto que se circunscreve o nosso objeto de estudo: o São João de Gravatá. Gravatá é uma cidade do agreste Pernambucano que fica a cerca de 85km da capital Recife e possui uma população estimada em 80 mil habitantes, segundo IBGE (2010). Pela atividade turística ser muito forte na região, ocasionando um crescimento de pessoas com uma segunda residência na cidade, a população flutuante que está presente nos finais de semanas, festas e feriados no município, faz com que nestes períodos, haja um aumento da população estimada.

Como grande parte das cidades do interior nordestino, Gravatá tem no São João um dos principais eventos no seu calendário festivo. É comum nessas cidades haver uma grande comercialização do milho, queimas de fogueiras, aumento do turismo local, aquecimento do comércio e festas com artistas locais. A partir dos anos 2000, a Festa Junina da cidade tomou outra proporção, passando de um modo “tradicional” de “brincar” o São João para uma dimensão espetacularizada². Esta mudança põe em cheque a contraposição de um modelo tradicional em relação a um modelo de festa que atende à uma lógica de mercado.

Diante deste contexto, o objetivo deste trabalho é compreender a dinâmica das festas de São João da cidade de Gravatá-PE no início do século XXI a partir da emergência do turismo festivo no município. Sendo assim, conhecendo e identificando as tradições locais das festas de São João no final do século XX, investigando os principais aspectos históricos, culturais,

² Por dimensão espetacularizada estamos entendendo a transformação da festa em um espetáculo com a ampliação da estrutura do evento, contratação de bandas e atrações famosas regional e nacionalmente, marcas e empresas patrocinando a festa, uso de brilho e luzes na decoração e divulgação massiva nas mídias locais e regionais.

políticos, econômicos dessa festa e analisando as transformações ocorridas a partir do início do Século XXI, bem como os seus desdobramentos.

O caminho teórico e historiográfico do nosso trabalho situa-se na Nova História Cultural, tendo a cultura como eixo norteador das análises e dialogando com um vasto campo multidisciplinar. Nos apoiamos nos trabalhos de Lynn Hunt (1992) comentando sobre a nova história cultural e Roger Chartier (1988) utilizando o conceito de representações culturais para entender o nosso objeto de estudo. Além deles, estabelecemos um diálogo com outras escolas, como a Escola Social Inglesa pelos trabalhos de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2015), sobre as tradições, o que nos ajudou a compreender como as tradições, costumes e heranças culturais que são criadas, absorvidas e reproduzidas pelas sociedades.

Ainda utilizamos o conceito de prática social, de Michel de Certeau (2008), fazendo uma discussão de como os hábitos e costumes são ratificadas, reproduzidos a partir da sua significação. Foi em Guy Debord (1997) que nos aparamos para compreender a Festa de São João de Gravatá espetacularizada.

Este trabalho procurou responder às seguintes questões de pesquisa: quais as tradições locais das festividades juninas em Gravatá no final do século XX? Como era o São João de Gravatá? Quais as principais características da festa neste município? Quais os aspectos históricos, culturais, políticos, econômicos e turísticos do São João em Gravatá? Quais as transformações ocorridas no formato e estrutura da Festa Junina de Gravatá? Quando e como ocorreram estas transformações e quais os desdobramentos?

A pesquisa foi de cunho qualitativo e como em toda pesquisa científica seguimos alguns procedimentos metodológicos para atingirmos os objetivos propostos. Em primeiro lugar, realizamos a leitura das fontes bibliográficas para a compreensão do objeto estudado. Em seguida, foi necessária a pesquisa de documentos históricos, sendo encontrados na Biblioteca Municipal de Gravatá bem como em acervos particulares de moradores locais. Serviram de fonte: livros sobre a história da cidade, jornais, revistas e materiais audiovisuais da mídia local e regional.

Por compreendermos a importância da História Oral na construção da historiografia do nosso objeto de estudo, e pelas transformações no São João

de Gravatá serem relativamente recente e inédito, foi necessário realizar entrevistas com atores sociais que perceberam ou participaram direta e indiretamente do universo pesquisado.

É importante enfatizar as dificuldades de se realizar uma pesquisa de campo em um contexto pandêmico. Para realização das entrevistas foi necessário o agendamento prévio com os entrevistados, em um ambiente aberto, seguindo as recomendações de distanciamento e higiene da Organização Mundial de Saúde.

Foram realizadas nove entrevistas semi estruturadas. Os entrevistados foram selecionados de acordo com os diversos “níveis de envolvimento” e “papéis” na Festa Junina de Gravatá. Antes de iniciar a entrevista, eles receberam o Termo de Consentimento para conhecerem a temática da pesquisa e autorizarem a divulgação dos seus nomes e suas informações no trabalho. Apenas um dos entrevistados, o qual estamos chamando de “anônimo” não permitiu que seu nome fosse divulgado no trabalho. No quadro abaixo apresentamos a lista de entrevistados com seus respectivos papéis e importância para o contexto da pesquisa:

Quadro 01 – Lista das pessoas entrevistadas

| Lista de Entrevistados | | |
|-------------------------------|--------------------------|--|
| Nome | Papel | Importância para o contexto da pesquisa |
| Anônimo | Comerciante ³ | Chegou à Gravatá nos anos 1999 atraído pelo crescimento turístico da cidade, abriu uma panificadora nos anos 2000 e atuou dentro da estrutura da festa, no setor gastronômico. |
| Ênio Barbosa | Artista | Morador e músico da cidade. Com o seu |

³ O comerciante não autorizou utilização do seu nome, por isso ele está nomeado como anônimo. Como fonte anônima não pode ser utilizada em trabalhos científicos suas informações diretas, colhidas em entrevista, foram retiradas do corpo do trabalho.

| | | |
|--|---|--|
| | | grupo musical participou de diversas apresentações em Gravatá e região, desde o final dos anos 1950. |
| Etânia Paceli | Ex - Funcionária da Prefeitura de Gravatá | Trabalhou na Secretaria de Turismo de Gravatá no período de 2004 a 2008. Possui um acervo de fotos e jornais antigos sobre a cidade. |
| José Barbosa (Maestro Barbosa) | Artista | Professor e Maestro, atuou como professor de música em diversas organizações da cidade bem como na prefeitura. É o idealizador, juntamente com a Secretaria de Turismo, da Orquestra Sanfônica de Gravatá. |
| José Leonardo Pereira de Lima (Léo do acordeom) | Artista | É músico local, dono da banda “Léo do Acordeom”. Participou ativamente das Festas Juninas de Gravatá a partir dos anos 2000 até os dias de hoje. |
| José Wellington de Almeida (Pudim produções) | Empresário | Conhecido popularmente como “Pudim Produções”, é empresário no ramo de eventos, produzia as |

| | | |
|------------------------------|-------------------------------------|--|
| | | antigas discotecas de Gravatá dos anos 1980 e na gestão do prefeito Luiz Prequé (1993-1996) foi contratado para produzir as festas municipais. |
| Luís Martins (Martins) | Artista | Ator, escritor, ensaísta, produtor e artesão local. Participou e participa das Festas Juninas com seu grupo teatral “Os Três Matutos” e outros personagens criados por ele. Foi também apresentador da Orquestra Sanfônica de Gravatá. |
| Rildo Feitosa | Ex-secretário de Turismo de Gravatá | Foi secretário de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio nos anos 2002 até 2004 e também foi secretário de Turismo de 2004 até 2008. |
| Severino Marcolino (Bill) | Morador | Morador antigo da cidade. Em sua juventude participou de diversas festas populares locais, tanto na zona urbana quanto a área rural. |

| | | |
|--|--|---|
| | | Acompanhou o processo de transformação no que hoje se conhece como São João de Gravatá. |
|--|--|---|

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e, após sua realização, transcritas e analisadas em seu conteúdo de acordo com as questões propostas nesta pesquisa.

Este trabalho é dividido em três capítulos. No capítulo 1 fazemos revisão da literatura historiográfica trazendo os principais autores que dialogam com a temática da nossa pesquisa, estabelecendo a relação com o nosso objeto de estudo. No capítulo 2 apresentamos uma caracterização histórica do município de Gravatá com ênfase nos aspectos políticos, econômicos, culturais e turísticos, contemplando o calendário festivo da cidade, dando destaque para o período de realização das Festas Juninas das décadas de 1970, 1980 e 1990. O capítulo 3 trata do turismo festivo de Gravatá, do processo de transformação do São João de Gravatá, a criação do conceito espetacularizado do “São João de Gravatá” e seus desdobramentos.

1 CULTURA, REPRESENTAÇÕES, E PRÁTICA NA FESTA JUNINA: ASPECTOS TEÓRICOS

Neste capítulo apresentaremos uma breve discussão sobre o surgimento da Nova história cultural, mostrando um pouco das mudanças que ocorreram dentro da História enquanto ciência. Em seguida, para uma maior compreensão da Festa Junina como objeto de estudo, iremos nos debruçar sobre o conceito de cultura e também o conceito de tradição.

A compreensão do que é cultura e do que é tradição se faz necessário pelo nosso objeto de estudo. A Festa Junina é um evento que ocorre todos os anos no Brasil no mês de junho, ela teve influência de diversas culturas e por isso possui várias características. Nela sobretudo uma parte do Nordeste manifesta suas raízes, seja no jeito de se vestir, na dança, nas músicas e na própria comida.

Assim, analisando essas representações manifestadas no contexto da festa iremos também observar como o conjunto de práticas reproduzem ou resinificam os sentidos. Desse modo, entender os termos supracitados é essencial para analisarmos as mudanças que acontecem ao longo do tempo em relação a esta festividade. Porque as festas enquanto eventos sociais sofrem influências do tempo e espaço e algumas vezes tomam outras roupagens.

1.1 A NOVA HISTÓRIA CULTURAL: BREVE RESUMO

No começo do século XX a historiografia tomou novos rumos com a Escola dos Annales (1929), essa escola fez uma aproximação da História com outras áreas do conhecimento, muito pelo uso de novas fontes de pesquisa. Lucien Febvre e Marc Bloch através da revista de Annales discutiram e abriram novos debates e abordagens para a historiografia.

Foi na terceira geração de Annales que houve um aprofundamento de outros temas. Essas novas áreas permitiram novas abordagens para a história, novos objetos e novos problemas que relacionados aos campos da antropologia, sociologia, matemática, economia e tantos outros, possibilitaram dessa maneira a produção de trabalhos multidisciplinares (FILIPIM; ROSSI, 2013).

Assuntos como a história da infância, da mulher, da família, da sexualidade, da leitura, da loucura, da alfabetização, da religião, da violência, do amor, do livro, dos jovens, da cultura escolar, da organização, da construção do conhecimento, da formação dos docentes, dos discentes, do sonho, do corpo, do odor, da imprensa pedagógica entre tantos outros tornaram-se passíveis de estudos. (FILIPIM, ROSSI, 2013, p. 22489)

Esse modo de pensar a historiografia de forma mais extensa ficou conhecido como nova história cultural. Ela possibilitou diferentes âmbitos temáticos para se escrever a história, trabalhar a historiografia e abriu diferentes possibilidades de pesquisa. Logo, ela se diferenciou da “nova história” porque o problema de pesquisa agora é o objeto “[...] o campo de pesquisa que impõem, naturalmente, a adoção de um ou vários métodos ao mesmo tempo, não o contrário.” (MARTINS, 2011, p. 43).

Sobre a nova história cultural, Hunt (1992) afirma que as relações econômicas e sociais são campos de prática e produção de cultura. A cultura então não é um objeto solto, mas que se compreende dentro de diversos campos das relações humanas. Assim, pensar e analisar a cultura é compreender ela como campo polissêmico (BARROS, 2005).

1.2 CULTURA

Neste trabalho a cultura vai estar no eixo central das análises. Como a própria História Cultural evidencia, é importante dialogar com outras ciências e disciplinas a fim de enriquecer o debate conceitual do objeto de estudo. É na Antropologia que este trabalho se apoiará para elucidar o conceito de Cultura.

Cultura é um conceito tipicamente antropológico que tem um longo percurso de criação e recriações dentro desta ciência. Conforme Laraia (2001), Tylor ofereceu o primeiro conceito de cultura, em 1871, como: “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética”.

Mais tarde, Kroeber ampliaria o conceito de Tylor indicando que:

A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. (...) A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo (LARAIA, 2001, p. 48, 49)

Ainda de acordo com Laraia (2001), antropólogos como Marshal Sahlins, Marvin Harris, entre outros redefiniram o conceito de cultura e chegaram a concepção comum de que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 2001, p. 59)

Conforme apresentado anteriormente, os conceitos de cultura são diversos na antropologia e manifestam uma vasta amplitude de limites. A fim de operacionalizar este conceito nas análises deste trabalho, será compreendido o conceito de cultura como o conjunto de crenças, hábitos, costumes, comportamentos, tradições, línguas, expressões artísticas que se referem a um povo ou sociedade específica e que representa um universo de significados que é criado e recriado por ela a todo momento, de maneira dinâmica no decorrer na história.

1.3 REPRESENTAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS: O CONTEXTO DAS FESTAS JUNINAS

Nesta perspectiva o Chartier apresenta uma discussão sobre a história cultural no seu livro composto por ensaios “A história cultural: Entre práticas e representações”. De acordo Chartier (1988), a história cultural é importante para compreender os diferentes acontecimentos na realidade social na maneira como as pessoas pensam, compreendem a realidade a partir da sua vivência.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. [...] Variáveis consoantes às classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER 1988, p. 16- 17)

Por isso para Chartier (1988) a história cultural é um estudo através de métodos e processos para construção do sentido, mas para essa tarefa existem caminhos. Primeiro caminho depende da limitação e caracterização do

mundo social estudado, ou seja, cada grupo tem sua característica, seja no modo de viver, de escrever, que são particularmente presentes e que podem ser ou não influenciadas por outros grupos.

A caracterização do ciclo junino é necessária para compreensão dos seus aspectos peculiares. Porque como o autor citou a limitação desse mundo permite a compreensão já que ele possui características próprias, e que pode ou não ter sido influenciadas por outras festas ou eventos.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1988, p. 17)

Contudo por mais que se compreendam essas variáveis próprias de cada grupo o historiador necessita diagnosticar e decifrar qual interesse que estabelecem aquele ou outro discurso. Porque os discursos segundo Chartier (1988) não são neutros, e são manifestados nas áreas sociais, escolares e políticas.

[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1988, p.17)

Logo, a legitimidade do discurso nesses grupos vai depender do grau de autoridade que aquele ou outro personagem tem nesse tempo espaço. Por isso, o autor levanta a importância de contextualizar e interrogar os discursos, já que as fontes não são necessariamente o testemunho da realidade, contudo elas podem nos levar a diferentes sentidos a depender de como elas se apresentam.

A utilização da festa de São João como evento espetacularizado carece de ser contextualizado em aspectos culturais. Como também a importância desse evento para a cultura local diante de todo seu contexto histórico, já que é uma festa muito antiga que tem sofrido transformações ao longo e que possui características de uma região.

Além do mais, a compreensão pode acontecer a partir de um discurso político e institucional em relação à festividade, quando este atribui o sentido de

tradicional a um evento que muitas das vezes tem pouco tempo de existência. Essa tradição “forjada” se apoia no uso de elementos característicos do hábito mais antigo, estes elementos no caso das festas juninas, são: balões, fogueiras, bandeiras, entre outros, que fazem parte de um esquema de representações.

Dado isso, Chartier (1988) apresenta que as representações são divididas em duas vias. Em uma via ela se manifesta no ausente, porque não há a necessidade dela existir de forma física para que ela postule um significado. Como exemplo baseado no nosso objeto de estudo podemos citar as imagens e fotografias de celebrações de anos ou décadas anteriores, que contribuem para que cada ano a festa seja realizada.

Assim as memórias que essas imagens expõem produzem lembranças em relação às brincadeiras, aos eventos, as músicas. Muita das vezes a pessoa não participou daquela celebração da referida imagem, contudo ela indiscutivelmente construirá significados em relação a esse objeto.

Outra representação ausente é as imagens dos Santos; Santo Antônio, São João e São Pedro. São figuras reais, que existiram, mas que não estão no físico, se encontram como fotografias incluídas no contexto da festa de forma religiosa e que dentro dessa manifestação popular possuem seus significados representando cada um há maneira.

No dia 13 de junho é comemorado o dia de Santo Antônio, conhecido o Santo casamenteiro, por isso um dia antes é comemorado no Brasil o dia dos namorados. Fernão de Bulhões recebeu o nome de Antônio em 1220, ao passar da ordem de Santo Agostinho para a ordem de São Francisco, ele era um excelente orador (RANGEL, 2008).

No dia 24 de junho é o dia de São João, é o momento maior de todo período festivo, muitas referências apontam essa celebração como a cristianização de um rito pagão, a chegada do solstício de verão no hemisfério norte, como aponta a reportagem do El país.⁴ João Batista era uma pessoa que pregava a palavra de Deus as margens do Rio Jordão e praticava a purificação

⁴ Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/23/ciencia/1435060878_822017.html>. acesso em: 20 de jun. de 2021.

através das águas, o que conhecemos como batismo, foi degolado a mando de Herodes (RANGEL, 2008).

E por fim, no dia 29 de junho é celebrado a festa de São Pedro, que é considerado pela Igreja Católica o primeiro papa, e o santo das chuvas. Depois da sua morte foi considerado o chaveiro do céu, sendo assim, na maioria das suas imagens representativa ele está segurando uma chave na mão. Segundo a tradição, todos que possuem seu nome devem acender uma fogueira na porta das suas casas (RANGEL, 2008).

Na véspera de todas essas datas citadas, são acesas fogueiras, utilizados fogos de artifício, e outros componentes das festas juninas, para a comemoração desses santos, que no ausente no contexto da festa, simbolizam tanto o sentido religioso quanto o sentido popular.

Figura 1. Imagens dos Santos citados. Na sequência da esquerda para direita: Santo Antônio, São João Batista e São Pedro



Fonte: Disponível em: <<https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2021/06/03/alem-de-antonio-joao-e-pedro-quais-sao-os-outros-santos-juninos-confira-a-lista-210541>> acesso em: 19 de jun. de 2021.

Outra via citada por Chartier (1988) apresenta a representação com exibição no presente, como define o autor, esta se identifica também por meio das simbologias. Nas Festas Juninas existem simbologias populares presentes nas ornamentações como as fogueiras, bandeiras, balões, comidas típicas do período, músicas, roupas tradicionais e apresentações de quadrilhas.

A reinvenção das festas juninas teve êxito na extensão das práticas pagãs (dos festivais) para a veneração a São João Batista. Em contrapartida, essa condição criou desafios para a Igreja Católica, especificamente porque a fogueira foi atrelada a uma simbologia de fertilidade, de sensualidade e de práticas sexuais. (NEVES, 2017, p. 92)

As práticas que envolvem a festa de São João derivam de diversas culturas, como as antigas “festas da fertilidade”, a fogueira enquanto um dos elementos centrais desse tipo de festa ganhou outra roupagem a partir da influência da Igreja Católica. Esta construiu novos significados para que ela fosse integrada em uma rede simbólica Católica, Neves (2017). Uma das adaptações popularmente conhecidas em relação à fogueira foi, que através dela, Santa Isabel avisou a Maria do nascimento de João Batista (Santo homenageado na festividade), conforme a passagem bíblica.

Figura 2. Decoração Junina na cidade de Gravatá- PE, rua Duarte Coelho, conhecida como rua do polo moveleiro. Essa rua é um importante corredor comercial e turístico do município.



Fonte: Disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2014/05/21/exaltacao-cultura-local-sao-joao-de-gravata/>>. Acesso em: 19 de jun. de 2021.

As bandeirinhas, de acordo com o artigo da Empresa Brasileira de Comunicação⁵, são utilizadas porque anteriormente eram usadas bandeiras maiores com imagens dos Santos (Santo Antônio, São João e São Pedro) que molhadas serviam de purificação para quem se banhasse com aquela água,

⁵ Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/cultura/2013/06/voce-conhece-as-historias-da-bandeirinha-balao-e-fogueira-de-sao-joao>>. Acesso em: 19 de jun. de 2021.

contudo esse ritual foi perdendo espaços para as bandeirinhas. Já os balões como conta o mesmo artigo, servia de comunicação para avisar que a festa já estava começando.

Os exemplos citados não devem ser comparados entre si, toda via, foram utilizados para demonstrar as diversas formas de representações dentro da festa de São João. Porque conforme Chartier “Todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe [...] (1988, p. 21).

O signo, ou o objeto que representa uma simbologia existe dentro daquele cenário porque possui um significado. Por isso, são feitas as fogueiras, as comidas de milho com fartura, as brincadeiras e as danças, porque é no seu significado que ela apresenta uma lógica incorporada na manifestação da Festa Junina.

[...] as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1988, p. 17)

Esses signos fazem parte de uma lógica dentro da festa que são exibidos para produzir um sentido. Esse sentido é representado pelo discurso e pela tradição da festa que intui a imagem de genuinidade, na maneira que são apresentados todos os anos simbolicamente. Por isso, Chartier (1988) também apresenta o conceito de apropriação, porque segundo ele os signos possuem significados, mas podem ser utilizados de forma contrastada.

Por que cada indivíduo se apropriará daqueles signos de forma única, a leitura de mundo é pessoal. Logo, a cultura como conhecemos não é a realidade de outra pessoa, o mesmo objeto pode ter vários significados. Desse modo, a cultura muda, porque ela é dinâmica e reflexo dos indivíduos. Cada pessoa possui uma compreensão sobre as manifestações, os objetos e as representações.

Sendo assim, a história social percebida por esses aspectos das representações, segundo Chartier (1988), supera a história social clássica, porque possibilita as interpretações projetadas nas determinações fundamentais que são sociais, institucionais e culturais.

É na prática cotidiana que os sistemas de representações são ratificados, reproduzidos, questionados ou reinventados. Nessa perspectiva Certeau (2008) apresenta uma discussão sobre as práticas dessas representações, ou seja, de que maneira esses símbolos aparecem no cotidiano.

A prática só acontece a partir do comportamento repetitivo dos indivíduos na forma de executar as atividades cotidianas, “as maneiras de fazer”, conforme defende o autor:

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. [...] proliferam no seio das estruturas tecnocratas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de táticas articuladas sobre os detalhes do cotidiano. (CERTEAU, 2008, p. 41)

O modo de fazer depende da prática que está alicerçada nas estruturas sociais, políticas, econômicas que orquestram a vida cotidiana. O movimento de prática que dá sentido a Festa Junina do Nordeste só tomam a significação porque está dentro de uma lógica estrutural presente no ambiente da festividade.

A mídia reforça a estrutura na medida em que edita suas fontes para dar sentido as práticas das festas. Como o autor afirma, não há abstração no que é escrito para ser transmitido, há a necessidade de interação porque as pessoas constroem significados para o mundo social, mas esses significados não são únicos, visto que não existe uma cultura única.

Essa lógica estrutural presente na mídia, nas músicas, por exemplo, orienta, como expressa o autor, detalhadamente a forma de se comportar na situação determinada. No mês de junho nas cidades do Nordeste, por exemplo, é costumeiro utilizar elementos decorativos como bandeiras, balões e tecidos coloridos (chita) nas residências e nas ruas; também é comum a produção de comidas a base de milho, como canjica, pamonha e bolos; outros alimentos também são produzidos como arroz doce, as músicas e canções ligadas aos ritmos nordestinos como forró, xote, baião e xaxado também são tocadas nas rádios e nas tvs locais constantemente.

Figura 3: Comidas típicas do festejo Junino. Essas comidas vêm de influências Europeias e Africanas.⁶



Disponível em: <<https://andregomespb.com.br/saiba-como-aproveitar-as-delicias-da-culinaria-junina-sem-peso-na-consciencia/>> acesso em: 23 de jul. de 2021. (Adaptado pelo autor)

Essa forma de comportamento é tão normalizada que até nas músicas típicas da festividade consegue se perceber a descrição minuciosa desse modo de agir, como na música “festa boa” interpretada pelo grupo “Os 3 do nordeste”, transcrita abaixo:

Quando o mês de junho chegar

Eu vou, eu vou me espalhar

Eu vou brincar de roda

Eu vou forroriar

Pra festejar São João

Só, só no arraia

Tem milho no asseiro

Pode quebrar

E tem moça donzela

⁶ Há diversas comidas que são produzidas durante a festividade do Ciclo Junino, essas são apenas algumas delas. Na sequência: 1- Canjica nordestina, comida feita a base de grãos de milho, sua textura é um pouco rígida, difere do Mungunzá porque este se parece com uma papa; 2- Arroz doce, comida feita a base de arroz e açúcar, também (opcional) adiciona no seu preparo canela e leite condensado; 3- Pamonha, comida a base de grãos de milho ralado, açúcar e coco, no seu preparo usa-se a palha do milho para cozinhá-lo em água fervente; 4- Bolo de milho, comida feita a base de massa de farinha e grãos de milho ralado; 5- Bolo de mandioca, comida feita a base de massa de farinha e de mandioca.

Doidinha pra se arrumar

E tem geni papu

E tem canji ca ca

Já tem um sanfoneiro

Pra tocar pra nós dançar

Composição: J. B. De Aquino / Manoel Euzébio

Algumas dessas práticas se tornam tradições pela sua repetição ao longo do tempo espaço. No entanto, é preciso entender o que está sendo compreendido por tradição nesse trabalho. No senso comum, a ideia de tradição é ligada a algum fato histórico muito antigo que se repete no mesmo período. Assim essa noção de “antigo” dá legitimidade as festividades, comemorações e rituais que se apresentam como tradicional.

1.4 O CONCEITO DE TRADIÇÃO NO CONTEXTO DA FESTA JUNINA

No entanto o conceito de tradição não está exatamente relacionado a algo “antigo”. A tradição pode estar vinculada a um comportamento recente, inclusive ser uma “tradição inventada”.

Segundo Hobsbawm e Ranger (2015) “tradição inventada” é utilizada em um sentido amplo, porque envolve aquelas que surgiram há pouco tempo e também aquelas que têm um período maior e por isso são difíceis de serem localizadas ao longo tempo, ou seja, de saber sua origem. Nesse sentido podemos entender os dois conceitos analisados, o de Festa de São João tradicional e o de Festa de São João espetacularizada abordada nesse trabalho.

Por “tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas, por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM E RANGER, 2015 p. 9)

Analisando a tradição no sentido da festa de São João a partir de Hobsbawm e Ranger (2015) temos como identificar esse discurso. Para os

autores esse conceito pode ser considerado um processo de ritualização, uma formalização no sentido de sempre se repetir por obrigação. Por existir certos valores culturais há esse estabelecimento da continuidade, que acontece na Festa Junina, com: fogueiras, festas, fogos e danças, todos os anos.

Contudo na tradição inventada há pouco tempo, esses valores culturais são transformados para atender uma demanda institucionalizada, como citado por Hobsbawm e Ranger (2015). Na Festa Junina identificamos isso nas espetacularizações que acontecem em Gravatá, nesse sentido podemos pensar “espetáculo” como o autor Guy Debord (1997) escreveu, no qual ele afirma que há uma supervalorização das imagens por meio da mídia, para que exista uma conotação de grandiosidade.

Desse modo, esta influência através de imagens, seja na propaganda na TV, nos folders e na própria estruturação dos eventos, contribuem para reforçar um discurso de que “sempre foi assim”, e a festa na cidade de Gravatá é diferente de outras cidades porque impõe e proporciona um verdadeiro espetáculo.

Como pode-se perceber as tradições aqui estudadas seguem por dois caminhos, uma que reforça um sentido cultural que também foi inventada, mas com mais tempo e uma que leva em consideração a exibição através da construção de um grande evento que foi inventada a pouco tempo. Assim o autor Hobsbawm cita que:

Provavelmente não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a “invenção” de tradições neste sentido. Contudo espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis. (2015, p. 12)

Logo, entendemos que o espetáculo aqui estudado não destruiu a prática anterior, contudo interfere no conceito quando acarreta a mudança no modo de fazer. Tendo em vista que não há a negação da tradição mais antiga, mas um amoldamento se apropriando do costume anterior, conforme a necessidade do turismo, da economia local, do discurso institucional e das próprias mudanças nas sociedades.

Esse debate sobre apropriação nos leva a pensar sobre a modernidade da sociedade e as transformações sem um movimento único. Quem aborda esse tema é Hall (2006), ele afirma que a sociedade está em constante mudança, mas não existe um centro que articule, essa mudança acontece de forma transversal a partir de diferentes eixos, econômicos, políticos, culturais.

A globalização promove a integração de diferentes culturas nos mais diversos locais do mundo, essa interligação destrói barreiras e possibilita a expansão de diversos aspectos através das mídias, da internet ou de qualquer meio de comunicação. Esses fatores influenciam nas mudanças das culturas e das próprias tradições, sendo para Hall (2006) um dos fatores da união de diferentes culturas para o “nascimento” de uma cultura híbrida.

Essa mistura global se alimenta do mercado na medida em que padroniza gostos, estilos e ideias interligando através das grandes mídias. Por isso, as diferenças que até certo momento distinguiam as identidades e tradições dos grupos, vão se tornando homogeneizadas.

Esse movimento acontece na festa de São João de Gravatá quando a espetacularização da festa debilita o antigo tradicional. Há uma abertura de espaço dentro da programação da festividade para bandas que tradicionalmente não fazem parte dos festejos juninos típicos do Nordeste. Alguns exemplos são duplas sertanejas, bandas de tecnobrega, Dj's e diversas outras variações de ritmos que poucos se caracterizam ou se assemelham com a cultura da festividade do São João.

Desse modo, o São João pode ser compreendido como expressão de uma manifestação cultural que apresenta diversas representatividades no sentido religioso e da cultura popular. Essas se inserem no contexto da festa produzindo sentido através da prática.

Por serem constantes estas práticas são consideradas como tradições no sentido de se repetir há bastante tempo. Quando espetacularizada essas tradições não são substituídas, contudo, adaptadas para necessidades mercadológicas. O modelo de São João espetacularizado necessita de dar vazão ao discurso de tradicional justamente se utilizando da tradição antiga.

Essa mistura entre o chamado “tradicional” e a “tradição inventada” acontece por diferentes eixos, porque a globalização homogeneiza as identidades e influencia nas mudanças das culturas. Deste modo, pensando

nos diferentes eixos, para compreendermos nosso objeto de estudo iremos analisar os aspectos históricos e sociais do município de Gravatá.

2 GRAVATÁ: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Neste capítulo será abordada uma caracterização histórica do município de Gravatá. Sendo a primeira parte um resumo da sua história: a localização e curiosidades. Na segunda parte teremos um breve resumo da política da cidade, apontando algumas das figuras mais conhecidas nesse seguimento e sua participação na construção da cidade.

Em outro momento teremos uma caracterização dos aspectos econômicos e o surgimento de empreendimentos que contribuíram para a formação econômica da cidade no final do século XIX e início do XX, por fim contemplaremos a cultura da cidade e suas festividades, dando uma ênfase no período da Festa Junina das décadas de 1970, 1980 e 1990.

2.1 ORIGENS HISTÓRICAS DE GRAVATÁ

A região conhecida como Crauatá, no agreste de Pernambuco no século XVII, de acordo com Lins (1993), era conhecida por passagem de boiadeiros e tangerinos⁷ pela serra comprida, atualmente conhecida como Serra das Russas. Para o mesmo autor, os “silvícolas”⁸, os negros quilombolas e os vaqueiros foram os primeiros a se estabelecer nas terras altas Gravataenses. Antes do século XVII sabe-se que:

Em 1583, segundo Cardim⁹, milhares de silvícolas, tapuias provavelmente, desceram a Borborema acossados pela estiagem; despejaram-se vertentes em serra Comprida, entregando-se aos brancos do litoral em troca de comida. Desertavam o planalto sem água, o rio transformado em poço de lama. (LINS, 1993, p. 23)

Lins (1993) afirma que com a dominação de Olinda e Recife pelos Holandeses, era comum indígenas que fugiam e desertores condenados, virem até o agreste, em busca de refúgio, “onde há séculos e combatidos por

⁷ Homem que tange bois a pé ou a cavalo. Responsável pela condução do rebanho.

⁸ Pessoas que vivem nas matas. De acordo com Lins (1993), “[...] esses silvícolas tinham, também, nomes de outras nações cariri, como carnijós, pankararus, pipipes, paratiós e xucurus.” (p.38)

⁹ Fernão Cardim, missionário e escritor Português que viajou de Pernambuco até o Rio de Janeiro escrevendo sobre aspectos climáticos e sobre as características e costumes dos índios Brasileiros.

sesmeiros violentos, viviam os carapotós¹⁰.” (p. 25). Ainda segundo o mesmo autor, “[...] os carapotós de nação Cariri ou Kiriri, demoravam mais tempo em aldeamento permanente [...]”, contudo a partir do século XVIII não se encontrou mais vestígios deles nessa região, sobrando apenas a região da “serra do Carapotó” e alguns vestígios arqueológicos na região de Gravatá.

A região de boas pastagens, clima ameno e as margens do Rio Ipojuca era um ponto ideal de parada para viajantes que iam em direção ao litoral ou até mesmo ao sertão. No final do século XVIII, conforme Lins (1993), a passagem de gado por onde transitavam e pernoitavam os tangerinos. Tiveram direito de posse das terras que seriam o local da futura cidade de Gravatá durante os séculos coloniais o “[...] Duarte Coelho Pereira, Antônio Curado Vidal, Manuel Alves de Azevedo e Teodoro Leitão de Vasconcelos.” (p. 25). Nessa época o governo da capitania de Pernambuco concedia as terras para apadrinhamentos políticos.

Segundo o historiador Alberto Frederico Lins a palavra Gravatá pode ser grafada de 20 diferentes formas, a origem da palavra Gravatá vem de Crauatá que significa ““erva que fura”, “arbusto que arranha”, “mato que espinha” (1993, p. 47). Desde 1808, Gravatá serviu de nome para a primeira fazenda de criação de gado dessas terras, Fazenda Gravatá.

O proprietário dessa fazenda foi o senhor José Justino Carreiro de Miranda, que de acordo com Lins (1993), havia adquirido os campos marginais do Rio Ipojuca de herdeiros de Manuel Alves de Azevedo, antigo apossado. O nome Ipojuca, é de origem tupi, abasileiramento de Y-APÓ-YUC que significa “Brejo de água podre”, segundo o mesmo autor.

Assim havia uma grande movimentação na fazenda Gravatá, com vaqueiros que vinham de todas as regiões do Estado. E foi entre os séculos XVII e XIX que, guerreando e matando indígenas como os tapuias e os cariris, foram surgindo as estradas, proporcionando uma maior mobilidade dos viajantes e abrindo portas para o comércio.

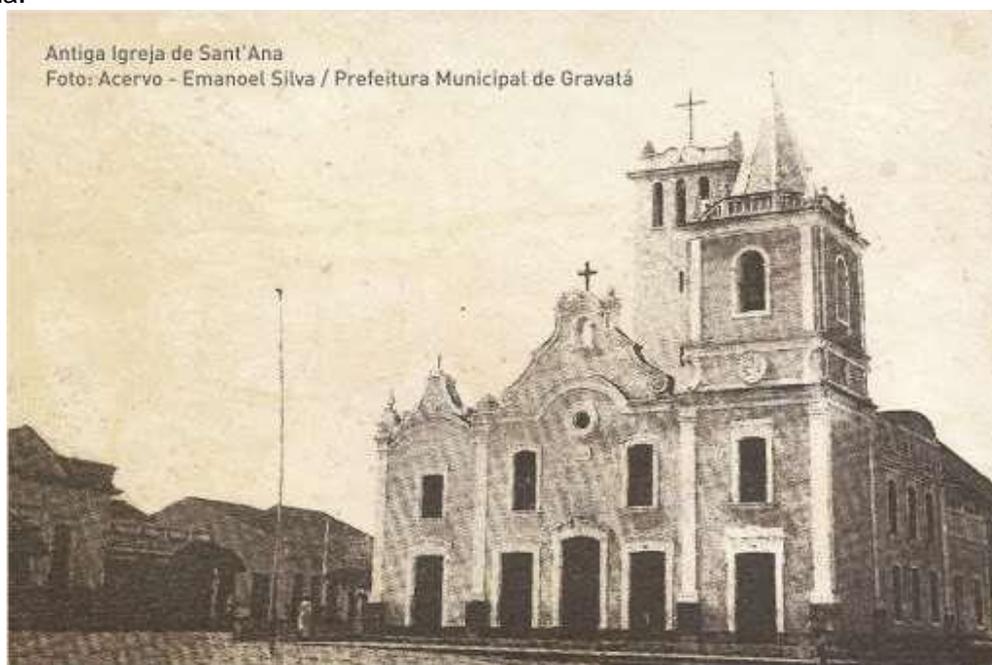
Em 1810, José Justino Carreiro de Miranda e seu filho, João Félix, resolveram erguer uma capela aconselhados pelo o pároco, padre Francisco

¹⁰ Grupo indígena estabelecido no agreste do estado de Pernambuco e em outros estados do Nordeste.

Borges Acyoli, de Santo Antão, então Freguesia da época¹¹. Dessa feita, iniciou-se a construção da capela de Sant'Ana, em frente da Casa Grande. O azulejo e o mosaico vieram do Recife através de burros, como consta Alberto Frederico Lins (1993).

Conforme Lins (1993), o senhor José Justino Carreiro de Miranda morreu em 1820 e não consegue ver o fim da construção da capela de Sant'Ana, ficando a cargo do seu filho prosseguir com a construção. Sendo assim, em 26 de julho de 1822 às oito horas da manhã foi inaugurada a capela na fazenda. Por isso, todo ano nessa mesma data comemora-se o dia da padroeira da cidade, Nossa Senhora Sant'Ana.

Figura 4 – Antiga Capela de Sant'Ana. Ao fundo percebe-se a atual matriz construída.



Fonte: SILVA EMANOEL (2002)

De acordo com o site da prefeitura de Gravatá, a antiga capela foi demolida em maio de 1940 e uma nova foi inaugurada alguns meses depois, no terreno por trás da antiga capela.¹² A atual paróquia é conhecida como matriz de Sant'Ana e se localiza no centro da cidade de Gravatá, sua planta foi de autoria do engenheiro Alemão Carlos Fest, que se baseou em um estilo Neoclássico (SILVA EMANOEL, 2002).

¹¹ Ver em: Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vitoria-de-santo-antao/historico>>. Acesso em: 22 de jun. de 2021.

¹² Ver em: Disponível em: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/onde-ir/>>. Acesso em: 01 de jul. de 2021.

Figura 5 – Atual Matriz de Sant`Ana. A paróquia fica localizada na Rua Rui Barbosa, s/n, centro.



Fonte: Disponível em: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/onde-ir/>>. Acesso em: 02 de jul. de 2021.

Conforme Lins (1993), em 1850 houve o desmembramento gradativo da fazenda por João Félix Justiniano, que vendeu partes dela para novos moradores. no mesmo ano em 1º de julho, através da lei provincial nº 264, foram fixados os limites do povoado.

Em 1857, surgia a primeira escola primária do povoado, a professora era paga por chefes de família. A escola funcionou na rua do comércio, hoje a rua Tenente Cleto Campelo. Como conta Lins (1993), ainda em 1857 houve o desmembramento da freguesia de Bezerros, a qual Gravatá pertencia, e então a capela de Sant`Ana passou para o nível de matriz. Neste mesmo ano os moradores construíram na ponte Rodolfo de Moraes, conhecida popularmente como ponte do comércio, um suporte para a imagem de Nossa senhora do Perpétuo Socorro, com o propósito de transformar Gravatá em vila. Contudo essa denominação só aconteceu em 1883 com a lei provincial nº 1560. Em 1884, no dia 13 de junho, Gravatá era elevada a nível de cidade, ficando definido os limites: 1º distrito: Gravatá; 2º Uruçu-Mirim; 3º Chã Grande. Um ano depois era inaugurada a primeira linha telefônica, conhecida popularmente como “telefone da estação” (LINS, 1993).

Segundo o mesmo autor a primeira eleição da cidade aconteceu em 1898, sendo eleitos com 98 votos o prefeito Antônio Avelino do Rêgo Barros e o subprefeito Manuel Clementino Correia de Mello. Dois anos depois era inaugurada no Morro do Jucá uma cruz de madeira, consagrada pelo padre

Idelfonso Farias de Castro. Essa localidade ficou conhecida como “Morro do Cruzeiro”.

Figura 6: Imagem da visão do Cruzeiro



Fonte: Disponível em: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/onde-ir/>>. Acesso em: 02 de jul. de 2021.

Hoje, no Cruzeiro, como popularmente é conhecido, se encontra a imagem do Cristo esculpida por Caetano Alves Varela em 1940, a Capela de Cristo Rei que foi construída em 1945 por Moisés Lins de Andrade, a escadaria da felicidade de 1953 e o cemitério público da cidade que foi inaugurado em 1959 (LINS, 1993).

Segundo o mapa 1 disponibilizado pelo Silva Emanuel (2002), essa é a localização da cidade de Gravatá e seus limites. Sendo Gravatá, cidade “portal do agreste”, ela faz limite com as cidades de Passira, Pombos, Chã Grande, Amaraji, Sairé e Bezerros.

Gravatá fica a 80 km da capital do estado de Pernambuco, no lado oeste, na região do agreste, é uma cidade que tem como característica econômica a agricultura e o turismo. A agricultura se concentra no cultivo principalmente de flores e o turismo é dividido entre um que se volta para a zona rural, principalmente pela criação de cavalos e outro pelas festas promovidas pelos setores públicos e privados.

Mapa 1: Mapa com localização geográfica do município de Gravatá-PE.



Fonte: SILVA EMANOEL (2002)

2.2 ASPECTOS POLÍTICOS

No cenário político, há personagens marcantes para a cidade, sendo os mais conhecidos o senhor Joaquim Didier, que para alguns moradores da cidade foi um homem a frente do seu tempo, modernizando a cidade através de construções que valorizassem a saúde da população, mobilidade urbana, segurança e valorização da arquitetura.

Outro personagem importante foi o padre Cremildo, que enfrentou a hegemonia da família Lins de Andrade no poder; oligarquia que dominava o município havia décadas. Segundo conta o entrevistado Bill¹³, descontente com a política local, o padre se candidatou para mudar a situação da cidade. Ganhou em 1976 e evitou o quarto mandato intercalado de Arão Lins de

¹³ Morador da cidade, 80 anos.

Andrade Filho. Nos relatos dos moradores da cidade percebe-se que ele democratizou o acesso das contas da prefeitura através de um serviço de som no centro da cidade.

Consoante com Lins (1993), em 15 de novembro de 1907, Joaquim Didier se elegeu prefeito, e no ano seguinte construiu o prédio do paço municipal, que hoje é conhecido como “palácio Joaquim Didier”. Em seu mandato ele também construiu a cadeia pública e a ponte do comércio.

Figura 7: Imagem do paço municipal Joaquim Didier. Localizada R. Cleto Campelo, 250, Centro.



Fonte: Disponível em: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/gravata-comemora-125-anos-com-festa-e-celebracao-religiosa/>>. Acesso em: 02 de jul. de 2021.

Um fato importante para a história do Brasil também faz parte da história de Gravatá. Entre 1920 e 1925, um movimento de soldados das baixas batentes, descontentes com o então presidente Arthur Bernardes, deflagram revoltas por diversos locais do país. Esse movimento ficou conhecido como tenentismo.¹⁴ Em Gravatá esse movimento chegou liderado por Cleto Campelo que em confronto travado na antiga cadeia pública, foi baleado e tombou no mesmo local no ano de 1926.¹⁵

¹⁴Ver em:

<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/MovimentoTenentista>>. Acesso em: 29 de jun. de 2021.

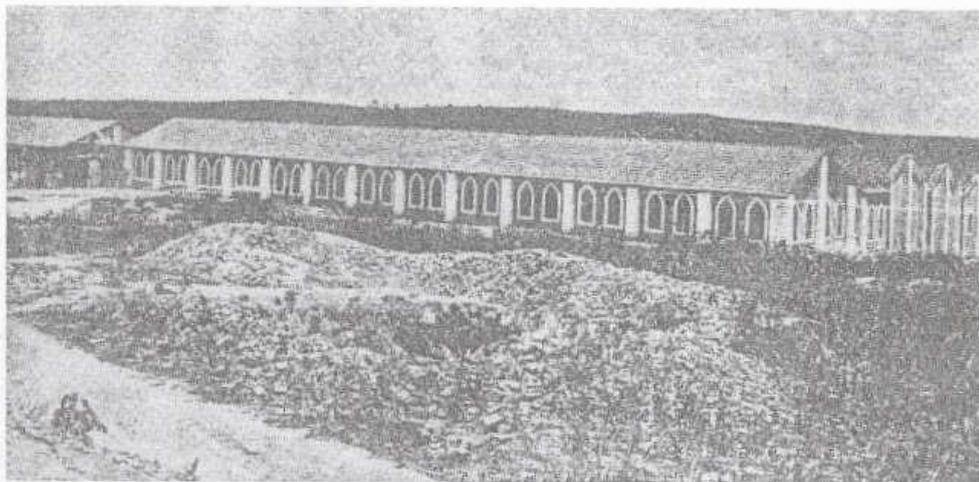
¹⁵ Ver em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/campelo-cleto>>. Acesso em: 29 de jun. de 2021.

Na política Gravataense também houve outras personalidades que marcaram época e podemos citar alguns como: Arão Lins de Andrade, nomeado prefeito em 1933, cuja grande obra foi à construção do antigo matadouro da cidade. Também citamos Dr. Paulo da Veiga Pessoa, construtor da ponte Antônio Avelino da Silveira, conhecida como Ponte do Camelo. Outro personagem como Dr. Devaldo Borges, necessita ser mencionado porque juntamente com Dr. Paulo da Veiga construíram a casa de saúde Santana, posto médico especializado.

2.3 ASPECTOS ECONÔMICOS DO MUNICÍPIO DE GRAVATÁ

A economia do município de Gravatá nas suas primeiras décadas esteve ligada à produção rural, principalmente na produção em pequena escala, e agricultura familiar, (LINS, 1993). Mas alguns fatores foram mudando esses aspectos, talvez o primeiro fator foi a inauguração da fábrica “São José”, seu proprietário foi Joaquim Didier. O curtume, inaugurado em 1894 foi o maior de nordeste e um dos primeiros do Brasil.¹⁶

Figura 8: Imagem da fábrica São José.



Fábrica a Vapor "S. José" – Fundada em 1894. O maior curtume do Brasil e o principal fator do progresso deste Município. É seu proprietário o Joaquim Didier "Curtume São José" – "Joaquim Didier do Rego Maciel", cuja família, em 1870, se fixara em Pesqueira, veio à Gravatá em 1890 contratou uma centena de operários e pedreiros, e em fevereiro de 1891 – Iniciou a construção do Curtume com vinte e nove mil metros quadrados de edificação, e no ano 1893, era inaugurada a gigantesca fábrica de beneficiamento de couro, a maior do Brasil 1908. Ganhava o prêmio na exposição Nacional 1910. Diploma de Honra ao Mérito na exposição Internacional de Bruxelas 1917. Prêmio agrícola e industrial 1922. Prêmio Internacional do Centenário 1924. Medalha de ouro na exposição geral do Estado.

Fonte: Fonte: SILVA EMANOEL (2002)

¹⁶ (LINS, 1993, p. 216) “Os produtos do curtume São José, de 1ª qualidade, tinha aceitação, recebendo o primeiro prêmio na Exposição Nacional de 1908 e o Diploma de Honra na exposição Universal de Bruxelas de 1910.”

No mesmo ano, também foi inaugurada a estrada de ferro de Gravatá que pertencia à empresa Inglesa Great Western¹⁷. Este fato marcou a cidade pois, para Lins (1993), oportunizou a ligação rápida entre Gravatá e Recife que ficava atrás da barreira da Serra das Russas.

Figura 9: Recorte de notícia do Jornal do Recife de 09 de janeiro de 1894.

Estrada de Ferro Central de Pernambuco—Inaugurou-se no dia 4 do corrente a estação de Gravatá, na Estrada de Ferro Central de Pernambuco.
Da estação do Recife partiu, às 6 horas e 10 minutos da manhã, o trem inaugural, que con-

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/705110/31883>>. Acesso em 03 de jul. de 2021

Figura 10: Década de 1960, estação do trem de Gravatá.



Fonte: Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/gravata.htm>. acesso em: 03 de jul. 2021.

Vale também citar a Cerâmica Gravatá S/A que surgiu em 1905.¹⁸ Contudo não foi possível encontrar maiores informações sobre essa indústria do ramo da cerâmica.

A estrada de ferro abriu espaços para o turismo em Gravatá, sendo esse um pouco diferente do que se conhece hoje em dia. De acordo com Lins

¹⁷ Empresa Inglesa de ferrovias que durante o final do século XIX até metade do século XX explorou na região do NE do Brasil a construção de linhas férreas.

¹⁸ Ver em: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story_fbid=959409604104395&id=614358621942830&_tn_=KR>. acesso em: 02 de jul. de 2021.

(1993), Gravatá começou a ficar conhecida como um bom lugar de repouso para pessoas com tuberculose (ver no anexo O), pelo seu clima frio e seco, e para pessoas com problemas nos rins, que buscavam água mineral limpa nas fontes da zona rural pedra Branca.

Devido ao clima serrano, frio e seco, Gravatá era recomendada pelos médicos da época para o tratamento da tuberculose. Dessa forma, algumas famílias passavam a adquirir casas para passar um longo período em tratamento dos seus enfermos. Assim, a cidade foi se dinamizando, construindo estruturas para melhor captar esse público. (GALVÃO, 2019, p. 187).

Isso fez aumentar os arruados da cidade, fazendo com que pessoas da cidade construíssem casas para pessoas com doenças. Fato esse que fez com que popularmente a chamada “Praça 10” fosse conhecida como “praça dos tuberculosos”, como conta o artista local Martins¹⁹ em sua entrevista.

Figura 11: Casas de alugueis para pessoas enfermas



Fonte: Elaborado pelo autor

Segundo moradores, as sete casas marcadas na figura 11, localizadas atualmente na Rua João Pessoa, foram feitas para alugar a pessoas convalescentes, sendo as que tinham tuberculose, as que mais procuravam essas residências.

¹⁹ Artista local de teatro e das artes cênicas.

No final da década de 50 a construção da BR-232 termina, e esse acontecimento também transformou Gravatá porque aproxima esse local das cidades do leste do estado através de outro meio de transporte, o automóvel. Menos de 10 anos depois, José Luiz Truan inaugurou seu Hotel Suíço em 1966, e dois anos depois a Taverna Suíça, assim, Gravatá ampliou o processo de crescimento imobiliário e turístico.²⁰

Para Lins (1993):

Esses forasteiros começaram a comprar lotes noutros pontos da periferia da cidade, dando-lhes nomes que, se nada tinham com a realidade Agrestina, ao menos demonstravam boa vontade do preciosismo burguês. Consolidando-se, então, a “Chácara Alpina”, o “Conjunto Bariloche”, o “Jardim do Vale”, a “Nova Judéia”, “Chácara Suíça” e por aí a fora, multiplicando-se e atraindo cada vez mais novos moradores. (LINS, 1993, p. 204).

Para o mesmo autor, foi nesse momento que Gravatá começou a abrir as portas para o turismo de finais de semana, e desde então só cresceu o negócio imobiliário na região. Nos anos setenta esse processo teve continuidade e por esta razão aspectos novos empreendimentos foram surgindo em Gravatá, como haras, granjas, chácaras e sítios, empregando aos poucos a população que antes ficava ociosa, como conta Lins (1993).

As transformações foram tão significativas que a população da zona urbana foi crescendo rapidamente, ao passo que nos anos 80 a zona urbana tornou-se maior que a rural no município de Gravatá, conforme vemos nas tabelas de evolução populacional abaixo:

Tabela 1: Evolução da população de Gravatá de 1970 a 2000

| Situação | Ano | | | | |
|----------|--------|--------|--------|--------|--------|
| | 1970 | 1980 | 1991 | 1996 | 2000 |
| Urbana | 22.363 | 34.632 | 46.150 | 49.436 | 55.563 |
| Rural | 27.003 | 17.867 | 15.335 | 12.195 | 11.710 |

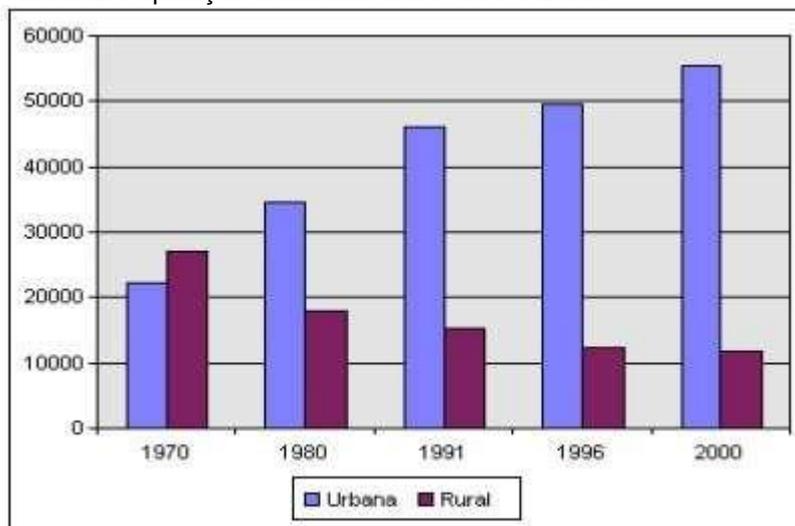
Fonte: (RODRIGUES, 2007, p. 23)

Segundo Rodrigues (2007) nesse mesmo período:

²⁰ Ver em: Disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2016/09/04/morre-em-gravata-o-empresario-suico-jose-luiz-truan/>>. Acesso em: 02 de jul. de 2021. O Restaurante de culinária Suíça, Internacional e Região. Fica localizada as margens da Avenida Cícero Batista de Oliveira, nº 1340, Bairro Alpes Suíço.

O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH subiu de 0,561 (1991) para 0,654 (2000), sendo que os maiores indicadores foram na educação que passou de 0,547 para 0,694 e na longevidade de 0,587 para 0,674. (p. 22)

Tabela 2: População Residente entre 1970 e 2000.



Fonte: (RODRIGUES, 2007, p. 23)

Essas transformações do cenário econômico advindas com a expansão turística proporcionou o crescimento da rede hoteleira, que atualmente comporta uma média de 3,4 mil pessoas e uma concentração alta de condomínios e privês. Além disso, a economia local se voltou para construção civil, serviços domésticos e movimentação do comércio. Ainda na década de 1970, segundo Ferreira (2006), surgiu um comércio informal de móveis rústicos que foi também criado para atender as necessidades desse novo nicho que surgia nesta localidade há pouco mais de uma década.²¹

Na década de 1970, além do agito na economia local provocado pela construção civil, devido à implantação de novos condomínios de lazer, um novo segmento econômico desponta em Gravatá: a fabricação de móveis rústicos, utilizando madeiras originárias do Pará, trouxe um incremento e o surgimento do polo moveleiro, um elemento que obteve bastante aceitação por parte dos moradores de Recife, que se deslocavam para Gravatá na intenção de mobiliar suas residências (principal, praia e campo). (GALVÃO, 2019, pág. 188)

Nos anos 80 há a continuidade do trabalho em favor do turismo local. A população e os órgãos públicos se envolvem nesse contexto porque é a forma

²¹ Ver em: Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2019/06/04/gravata-com-quase-100_porcento-de-ocupacao-nos-hoteis-para-o-sao-joao-2019-380316.php>. acesso em: 03 de jul. de 2021.

que encontram para conseguirem renda. Na década de 90 o turismo toma um rumo diferente no sentido de que os turistas agora passam a ter uma segunda residência no município.

Segundo Galvão (2019), esse conceito compreende essa residência como lugar de encontro familiar, descanso “[...] encontro com a natureza, com objetivo de sair do cotidiano agitado pelo ritmo das cidades e praticar atividades voltadas para natureza, no campo. [...]” (p. 181).

Além disso, nesse período há o incentivo dos órgãos públicos para o turismo festivo, turismo esse que foi acontecendo aos poucos principalmente no governo do ex-prefeito Luíz Prequé, conhecido popularmente como “Luíz Festinha”, como conta Léo do Acordeon, artista local, na sua entrevista.²²

2.4 AS FESTAS E O SÃO JOÃO

No começo do século XX a Banda Marcial XV de Novembro agitava as comemorações, Lins (1993) afirma que a banda participava dos eventos comemorativos da prefeitura, em inaugurações e nos feriados nacionais.²³

Pela data de fundação dos blocos mais velhos da cidade ainda em atividade, as festividades populares começaram pelo carnaval. O bloco mais velho da cidade é o Zé Pereira que foi fundado em 1908; O segundo bloco mais antigo é o bloco mocidade em folia que data de 1938, esse é citado por Lins (1993).²⁴

Os músicos da Banda XV de Novembro também participavam das comemorações dos eventos carnavalescos, porque segundo o entrevistado Ênio Barbosa de 82 anos, “[...] na década de 40 as apresentações ficavam por

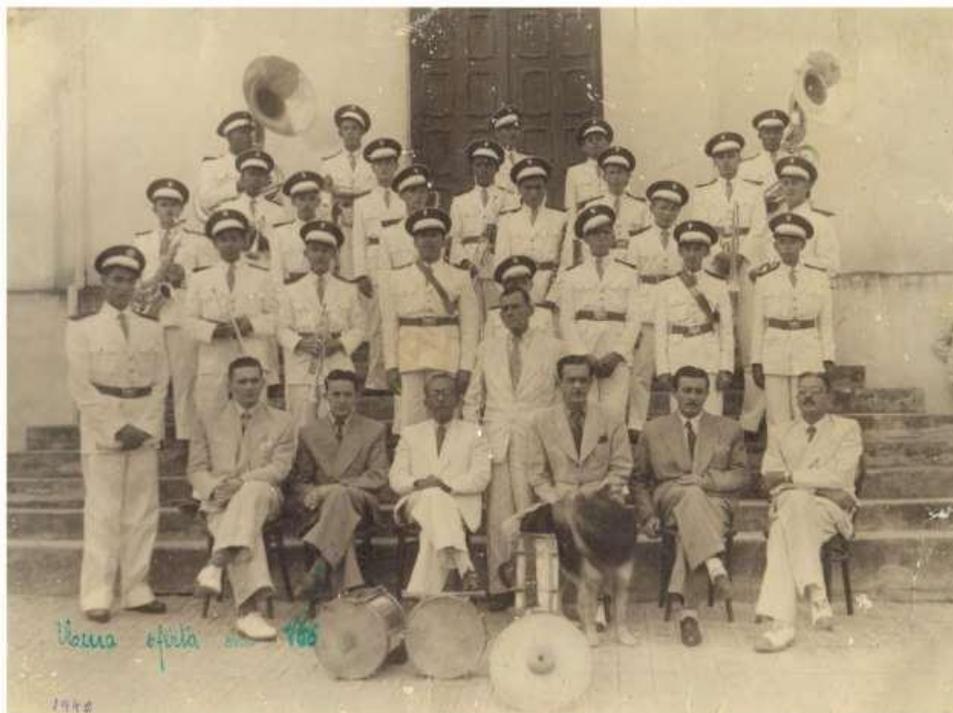
²² Artista local da área musical.

²³ Como consta em: <<http://www.cultura.pe.gov.br/canal/culturapopular/sociedade-musical-xv-de-novembro-patrimonio-vivo-de-pernambuco/>>. Acesso em 03 de jul de 2021. “Surgindo como um pequeno conjunto musical, o qual se tornou a primeira banda da cidade de Gravatá, no Agreste pernambucano, a Sociedade Musical XV de Novembro teve a sua formação artístico-cultural registrada oficialmente em 1894, quando foi fundada e passou a acompanhar o ritmo de desenvolvimento econômico e cultural do município.”

²⁴ Para saber mais sobre o Zé Pereira, acessar: Disponível em: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/bloco-do-ze-pereira-abre-oficialmente-o-carnaval-de-gravata/>>. Acesso em: 06 de jul. de 2021. Para saber mais sobre o Mocidade em Folia, acessar: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/domingo-de-folia-por-todos-os-lados-de-gravata/>>. Acesso em: 06 de jul de 2021.

conta da Orquestra de Manoel Bombardino, a de Tôta e havia o grupo de forró de Nestor Sanfoneiro.”²⁵

Figura 12: Banda XV de novembro em 1942, no canto esquerdo se encontra o Maestro Manoel Bombardino.



Fonte: Disponível em: <<https://sociedademus15denovembrogravata.wordpress.com/>>. Acesso em: 21 de jul. de 2021.

Com a fundação do Centro Desportivo Gravataense (CDG) em 1929, a cidade também passou a ter eventos privados de carnaval e das festas juninas, senhor Ênio Barbosa também cita que:

[...] não existiam grandes eventos públicos em 50,60 e 70, somente particulares e em escolas, como a exemplo as festas juninas. Com o surgimento do CDG, meados de 1929, algumas festas tradicionais, começaram como Baile das rosas.” (Em entrevista para o autor)

Nesse contexto de festas privadas a partir de 1957 surgiu o grupo musical Ênio Barbosa, que se apresentavam nas festas da sede do CDG, como a festa “manhã de sol”, aos domingos, bailes diversos e em outras cidades da região do agreste pernambucano. Ênio também era produtor musical e em uma das suas investidas trouxe o cantor Jerry Adriano para se apresentar no antigo

²⁵ Manoel Bombardino foi regente da banda XV de novembro de Gravatá-PE por 56 anos como consta em: < <https://bandaxvdenovembro.webnode.com/manoel-bombardino/>>. Acesso em: 06 de jul. de 2021. O senhor Ênio Barbosa é artista local e trabalhou durante 50 anos com a música.

cinema da Cidade, o “CINE HOLANDA”. Segundo contou, seu grupo tocava em bailes, festas juninas e diversos eventos, até chegar ao fim em 2007.

Figura 13: Fotografia de Ênio Barbosa e seu grupo, provavelmente datada do ano de 1962.



Fonte: Acervo Pessoal Ênio Barbosa

Maestro Barbosa, artista local, também comunga de que Gravatá tinha um forte carnaval, ele conta na sua entrevista que nas décadas de 1970 e 1980 a cidade possuía concursos de troças, por exemplo, e que havia concorrências entre as escolas de samba da cidade em relação à festividade.²⁶

A festa de reis era uma das festas mais aguardadas pela população, e nosso carnaval também, o carnaval de Gravatá antigo, era mais ou menos o que Bezerros é hoje, não com aquela multidão, mas Gravatá tinha concursos de troças, blocos de urso, tinha três escolas de samba, “sambão do Prado”, “Alto da Boa Vista” e o do “Leão” e tinha uma certa concorrência. Já aconteceu concurso de carros alegóricos, de fantasias de papangú [...] (Maestro Barbosa, em entrevista ao autor)

Etânia Paceli, 56 anos, moradora da cidade, também cita que no final dos anos de 1970 havia essas escolas de samba e que eram inspiradas nas escolas do Rio de Janeiro, já que tinham porta bandeira e carro alegórico. Ainda segundo a entrevistada, tudo era promovido pelo grupo social do CDG. Etânia também citou que nos finais de semana de 1980 haviam discotecas,

²⁶ Maestro Barbosa é professor, maestro e artista local. Troças são Orquestras carnavalescas que tocam frevo na época de carnaval;

festas dançantes, com músicas eletrônicas tanto no CDG quanto na associação XV de novembro.²⁷

A festa de reis era a maior festa da cidade, como afirmam os entrevistados Ênio Barbosa, Etânia, Martins e Léo do acordeom, isto é, a que mais chamava a atenção do público, a que tinha mais adeptos. De acordo com Rildo Feitosa, ex-secretário de Turismo do município, essa festa era conhecida como a festa do comerciante, porque era realizada pelo pessoal do comércio de Gravatá, provavelmente sendo inspirada na festa do comércio da cidade de Caruaru, citado no trabalho de SILVA (2010). Depois, se passou a chamar “Festa de Reis” por estar dentro do calendário festivo da celebração cristã em relação aos três reis magos descritos na Bíblia.²⁸

Paralelamente às festas de carnaval e aos eventos de discoteca, no mês de junho muito populares vinham de outras cidades em busca das danças nos antigos palhoções, local construído para eventos com cobertura de palha, conta Martins, artista local. Esses mesmos palhoções foram citados por Léo do acordeom, Barbosa e Pudim produções.²⁹

Nesses locais onde participavam primordialmente os moradores do bairro, juntavam-se dezenas e até centenas de outras pessoas da cidade para dançarem os ritmos nordestinos ao som de um trio de pé de serra.³⁰ A estrutura era simples, já que para a época e para a organização não havia tanto investimento para os músicos e para os dançantes. Como alguns entrevistados falaram, havia palhoções onde se faziam uma “cota”, ou seja, uma espécie de levantamento de fundos entre os participantes para pagamentos dos gastos nesse evento, como o trio pé de serra e até as bebidas.

²⁷ Associação XV de novembro é local que serve para ensaio da banda marcial de mesmo nome e que na época também era utilizada para eventos. Já a Etânia Pacelli, 56 anos, é moradora da cidade e ex funcionária da prefeitura.

²⁸ Rildo Feitosa, ex secretário de Turismo de Gravatá.

²⁹ Pudim produções é empresário da área musical que contribuiu na gestão de Luíz Prequé (1993/1996) nas realizações das festas.

³⁰ Trio pé de Serra foi muito divulgado pelo artista nordestino Luiz Gonzaga, esse grupo musical é constituído por uma pessoa que toca acordeom, uma que toca o Zabumba e outro que toca o triângulo. Sendo assim um trio que em seu repertório é focado nos ritmos nordestinos.

Figura 14: Típico palhoção do São João, esse datado de 1983, no parque do povo em Campina Grande – PB.



Fonte: Disponível em: <<https://www.brasilefatopb.com.br/2019/07/10/artigo-or-que-mundo-e-esse-do-maior-sao-joao-do-mundo>>. Acesso em: 21 de jul. de 2021.

Os palhoções eram a maneira mais comum do festejo junino no município, nesse período havia diversos em vários bairros da cidade, esses eram promovidos pela própria comunidade e geralmente tinha um responsável. Contudo muitas das vezes esses “arraiás” também eram patrocinados por vereadores ou alguém ligado a política local.

Para a maioria dos entrevistados, a mudança das festividades da cidade aconteceram justamente na década de 1990. Foi nesse período que o poder público começou a organizar de fato os eventos, e neles também temos o São João de Gravatá (SJG). Em 1992 houve a eleição do Luiz Prequé, como prefeito da cidade, que começou a realização de festas de maior porte para o município de Gravatá.

No ano de sua posse, 1993, a prefeitura teve que organizar a festa do centenário da cidade, essa festa como conta Léo do Acordeom foi um evento grande para época, no qual a prefeitura trouxe trio elétrico e bandas de nível regional. Pudim Produções também lembra deste evento, sendo também na época um dos idealizadores das festas de Gravatá junto a prefeitura na época. Segundo o entrevistado Pudim:

[...] o prefeito pretendia mudar o cenário de Gravatá em termos de atrativo para a juventude e em 1992 como ele se elegeu, ele assumiu em 1993, pegou o centenário de Gravatá, 100 anos de Gravatá, então a gente teve uma grande ideia de fazer um grande evento, foi em março, na semana de 15 de março que é o aniversário de Gravatá, então fizemos 10 dias de festas, foi onde... foi um reboiço na cidade, a economia começou a ver com outros olhos, o comércio, movimentou tudo, dez dias de festas imagina [...]

Nesse contexto de festas, temos o SJG que começou a ser recepcionado pelo trem do forró, que vinha de Recife com destino a Caruaru parando em algumas cidades no meio do percurso. Uma das cidades era Gravatá, Martins chegou a contar que algumas vezes a maioria dos turistas do trem ficavam em Gravatá porque já possuíam uma residência na cidade.

Figura 15: Trem do forró chegando em Gravatá na década de 1990.



Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GMGfihOhhuQ>>. Acesso em: 21 de jul. 2021.³¹

Os palhoções na década de 1990 foram perdendo força, como contou alguns entrevistados, essa decadência foi por conta de brigas e discussões que aconteciam em alguns deles e pelo fortalecimento da festa centralizada organizada pela prefeitura. Nenhum entrevistado especificou data, mas contaram que a justiça proibiu os palhoções na cidade por conta desses incidentes violentos.

Coube então aos próximos gestores criarem métodos para não se perder esse formato de São João (SJ). Como percebermos já havia uma

³¹ O site “youtube.com” é uma plataforma exclusivo para compartilhamento de vídeos, desse modo a imagem reproduzida na figura 15 é elaborada pelo autor.

centralização por parte da prefeitura na metade dos anos 90 e as festas aconteciam em frente ao atual colégio EREM Devaldo Borges. No entanto, com o aumento do turismo festivo, foi inevitável não expandir esse evento para o parque Chucre Mussa Zarzar.

Por isso nós compreendemos que as festividades de SJG começaram de forma embrionária nas décadas de 40 e 50 como foi citado pelo senhor Ênio Barbosa, nas escolas e no próprio CDG. Na década de 60 foi ampliado para a rua tendo uma maior proporção de organização popular. No final dos anos 1970 até meados de 1990 aconteceu o surgimento dos palhoções.

Vale salientar que esse período ainda não é marcado pela realização dos grandes eventos dos quais a cidade é reconhecida atualmente. Contudo foi período em que o poder público começou a centralização das festividades, dessa maneira, os anos 1990 são marcados pelo incremento das festas e pelo o aumento do tamanho delas.

No próximo capítulo iremos abordar a espetacularização, a perspectiva e realidade da transformação desta festa que já estava se adaptando aos moldes do mercado. Desse modo vamos saber quais desdobramentos históricos, econômicos, políticos e culturais trouxeram essas mudanças para a história social da cidade.

3 SENHORAS E SENHORES: A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO DA FESTA DE SÃO JOÃO DE GRAVATÁ!

Neste capítulo será abordada a preparação de Gravatá para organização do seu turismo festivo e analisaremos algumas leis que foram criadas para a organização e elaboração dos eventos a partir dos anos 2000. Além disso, utilizaremos depoimentos de entrevistados que fizeram e fazem parte da organização dos eventos festivos e especialmente do ciclo Junino do município. Também iremos desenvolver sobre o processo de transformação do São João de Gravatá, citando e analisando a mídia local, a estrutura da festa, de que forma os artistas locais estavam inseridos e discorrendo sobre a criação do conceito espetacularizado do “São João de Gravatá”.

3.1 FABRICANDO O TURISMO FESTIVO

A partir dos anos 2000 Gravatá começou a ampliar a preparação para organização do seu turismo com o decreto de duas leis municipais. A primeira lei assinada pelo então prefeito Aluizio José de Lorena (06-2000/12-2000) foi a de nº 2869/2000 assinada em 26 de outubro do mesmo ano que dispõe sobre a criação de Programas de assistências e culturas.³² Em relação à cultura ele determina um programa de desenvolvimento Turístico e Cultural. No artigo 8:

O programa de desenvolvimento Turístico e Cultural tem como finalidade promover eventos de natureza, cívica, folclórica, turística, artística e outras manifestações culturais, incluindo a assunção de despesas com a organização dos eventos tradicionais e com a contratação de artistas e shows. (Lei Municipal nº 2869/2000)

Nesse oitavo artigo a prefeitura fala da promoção dos eventos “tradicionais”, do fomento do turismo, contudo não inclui o artista local no programa de desenvolvimento, apesar deles serem fundamentais na composição das festas locais. No parágrafo 1 do mesmo artigo são expostas quais festividades estavam incluídas: “Estão inseridos nesse programa as festividades de Semana Santa, Festa do Morango, Festa das flores, Festa de São João, Natal, Ano novo, Gravatá-Fest e Carnaval” (Lei Municipal nº 2869/2000).

³² Lei municipal nº 2869/2000 está disponível nos anexos A, B, C e D.

Todas essas festas faziam parte do calendário festivo da cidade sendo a maioria centralizada na Avenida Joaquim Didier, no centro da cidade, a partir da gestão de Luíz Prequé (1993/1996). Essa centralização pode ser compreendida como cita Silva (2010), no capitalismo um bem simbólico pode ser transformado em um ótimo negócio. Por isso o autor afirma que as transformações das festas Brasileiras podem ser notadas muito por conta da vontade do “[...] Estado autoritário, dos empresários e da população em atividades turísticas.” (p. 39)

[...] Mas quem vai a estas festas? O turismo, movido por diversos objetivos, o habitante da cidade, movido pelo lazer e pelo trabalho, o político, pretendendo “capital eleitoral” com a festa, enfim, várias pessoas estão envolvidas, cada uma com o seu objetivo, cada uma com seu significado. (SILVA, 2010, p. 39)

Como foi citado no capítulo anterior, o turista do município de Gravatá, a partir dos anos 90, começou a ter uma particularidade porque passou a ter a conotação de turista de segunda residência, ou seja, aquele que possui um local fixo em Gravatá. Essa era a realidade do município que vivia a gênese de um turismo festivo. Sendo assim, apesar da grande quantidade de hotéis, pousadas, privês e condomínios, não havia na cidade eventos de grande porte que chamasse a atenção do público de outros locais.

Pouco mais de um mês após a sanção da primeira lei, o município instituiu a criação do conselho municipal do Turismo, através da lei municipal nº 2873/2000.³³ Esta teve a função de elaborar o plano municipal do turismo com diretrizes e prioridades. Foi mais um passo para a organização do turismo por parte dos órgãos municipais. O conselho deveria ser composto por três (3) representantes do Poder executivo Municipal, indicados pelo prefeito, três (3) representantes do Poder Legislativo Municipal, indicado pelo presidente da câmara e mais três (3) representantes da sociedade civil, indicados por Entidades devidamente organizadas e com mais de cinco anos de existência legal, como consta no documento.

Ambas as leis mostraram o interesse do município em relação ao turismo festivo e cultural pois havia uma clara tentativa de organização por parte do poder público para atrair pessoas para o turismo festivo na cidade.

³³ Lei municipal nº 2873/2000 está disponível nos anexos E e F.

Essa manifestação da gestão pública mostra que o município já estava preocupado com esse modelo de turismo. Na primeira lei há a clara citação do “desenvolvimento turístico e cultural” e na segunda lei, um mês depois, houve a encaminhamento para criação do conselho.

Importante frisar que, em ambas as leis, não há a clara e democrática inserção da colaboração da sociedade civil, e especialmente do artista local. A primeira lei nº 2869/2000 não cita de que forma essas pessoas do município participariam do plano de desenvolvimento turístico já a segunda lei nº 2873/2000 especificava que a sociedade civil participaria do conselho, contudo por indicação de entidades municipais. Sendo assim, é possível perceber a exclusão da população geral do município, monopolizando cada vez mais a organização turística com o poder Executivo, Legislativo e algumas entidades do município.

3.2 2001: A MODERNIZAÇÃO DO SÃO JOÃO DE GRAVATÁ

Em 2001, Sebastião Martiniano (2001/04-2002) assumiu a prefeitura municipal e seguiu essa ideia de “modernização” da cidade de Gravatá para o Turismo. Ele transferiu a feira municipal da cidade para um espaço único e desapropriou diversas construções irregulares no centro da cidade, segundo conta o morador da cidade conhecido como Bill.³⁴

Essa “modernização” também afetou as festas da cidade, como é o caso do SJG quando, de acordo com Bill, em 2001 Sebastião Martiniano fez uma festa de São João muito longa em número de dias. “[...] foram vários dias de festa, não lembro as pessoas que tocaram, mas houve uma grande movimentação do público da cidade.”

De acordo com Rildo Feitosa a gestão de Sebastião Martiniano mudou o conceito do SJ, mas ideia era mudar também o conceito da cidade, transformando-a em um polo de turismo festivo, por isso as festividades e principalmente o SJG eram realizados pensando nos turistas que se hospedavam e ficavam nas várias residências, hotéis e pousadas da Gravatá.³⁵

³⁴ Severino Marcolino Ferreira Filho, 80 anos, morador antigo de Gravatá.

³⁵ Rildo Feitosa de 2002 até 2004 foi secretário de desenvolvimento econômico: Indústria e Comércio e também foi secretário de Turismo de 2005 até 2008.

No ano de 2001 houve uma melhora na estrutura do palco comparada com os anos anteriores, organização essa que antes não havia e cujo objetivo era de literalmente modernizar o SJG de Gravatá, como conta Rildo Feitosa. A revista Gravatá de 2001 também publicou o lançamento desse mesmo evento que aconteceu na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB).

Figura 16: Lançamentos dos projetos de Semana Santa e SJG na AABB Gravatá em 2001.



Fonte: Revista Gravatá (2001, p. 14)

Como vemos, Gravatá começa a tomar outros rumos no sentido de organizar seu Ciclo Junino, e como a cidade também tinha outros eventos, o lançamento da programação do SJG foi “casado” com o lançamento da programação da Semana Santa. Percebemos aqui de acordo com a figura 16, que a mudança de conceito acontece enquanto há um apelo para presença de pessoas influentes, de empresas multinacionais e da própria mídia local e regional.

Ao que parece a ideia era mostrar que Gravatá tinha o que oferecer a possíveis investidores e patrocinadores de eventos. Isso porque a grande mídia foi convidada para o lançamento do SJ e divulgação da programação, conforme observamos na lista de convidados citado na imagem da figura 16: “[...] Jornal do Comércio, Folha de Pernambuco, Associação Comercial de Gravatá, BCP [...]”.

Figura 17 : Capa da revista Gravatá de 2001



Fonte: Revista Gravatá (2001)

Em 2001 foram 19 dias de festa do dia 12 de junho a 30 de junho, o título desse SJ foi: “Forrozá só em Gravatá”, tendo esse evento o apoio do Governador do Estado, na época, Jarbas Vasconcelos. A ideia segundo a Revista Gravatá (2001) era “[...] resgatar e incentivar as tradições culturais da época [...]” (p. 06), por isso houve o incentivo da participação das escolas da rede pública na promoção de vários concursos com temas alusivos aos festejos juninos, para que houvesse o interesse da juventude na cultura popular. Também houve concurso de quadrilha junina, tenda de adivinhações, temas do folclore Pernambucano e desfile de apresentação da quadrilha da terceira idade, como consta na mesma revista.

Muito provavelmente a revista Gravatá nesse período era patrocinada pela prefeitura de Gravatá porque além de divulgações de lojas locais ela fazia um papel de “Marketing positivo” em relação a cidade. Isso foi percebido nas duas edições analisadas, a de 2001 e a de 2004.

Conforme a capa da revista e a ideia estabelecida pela gestão, vemos o trem do forró, referência dos SJ da década de 1990. Na mesma imagem da

figura 17 temos os bacamarteiros e os três matutos que eram atrações artísticas locais, o matuto do centro da foto é o entrevistado Martins.³⁶

Essa caricatura de grandiosidade e ao mesmo tempo de simplicidade é típico das transformações do tradicionalismo. Hobsbwan (2015) pontua que a tradição quando mudada não perde totalmente sua essência, mas carrega elementos da tradição antiga e se mescla com as novas tradições.

Por isso, apesar da ideia ter sido transformar o ambiente do SJG modernizando-o, não poderia deixar perder o que se considerava tradicional na cidade. E nesse espaço de tradição entra a cultura local: com os bacamarteiros, artistas teatrais e o próprio trio pé de serra.

Nesse mesmo período um fator importante foi a duplicação da BR-232. Essa expansão proporcionou ao agreste um desenvolvimento nas atividades turísticas dentre outros segmentos. Por isso, consoante com a consolidação do desenvolvimento do turismo festivo em Gravatá, essa construção favoreceu na mobilidade de mais pessoas.

Figura 18: Publicação da Revista Gravatá (2001) que mostra imagens do governador e da obra de construção da BR232, além disso, João Gabu fala sobre os benefícios dessa construção.

BR 232 Uma Realidade

Visita do Governador Jarbas Vasconcelos, as obras da nova Barragem de Gravatá

Governador Jarbas Vasconcelos, Prefeito Sebastião Matosiano e a Vice Prefeita Joaquina Neto.

E de conhecimento de todo pernambucano a desbravada luta do Governador Jarbas Vasconcelos pela duplicação da BR-232.

Inúmeras barreiras foram levantadas contra esse grande projeto. Porém, a fé do povo e a obstinação deste grande homem que tão bem sabe conduzir os destinos do nosso Estado, hoje podemos chamar de realidade, porque está aí, bem diante dos nossos olhos o maior e mais importante canteiro de obras do Brasil da atualidade.

Para Pernambuco esta duplicação é sem sombra de dúvidas, um incontestável impulso para o desenvolvimento de toda região. Até porque a BR-232 é considerada a espinha dorsal do Estado, uma vez que corta de forma centralizada Mata, Agreste e Sertão em seus 553Km de extensão interligando-se ao entroncamento da BR-232 próximo ao acesso da cidade de Paramirim no Alto Sertão.

Com recurso no valor de 273.000.000,00 (Duzentos e setenta e três milhões de reais) o Governador pusista o contrato entre as empresas GAS, COEBRECHT e Queiroz Galvão.

As obras estão aceleradas num trabalho com mais de 3.000 homens e máquinas com tecnologia de última geração.

A conclusão está prevista para o final de agosto de 2002, totalizando 150Km até o município de São Caetano.

Atualmente por essa estrada temos um tráfego de 14.000 veículos por dia, com perspectivas para no mínimo triplicar. Contudo eis mais alguns entretanto outros benefícios que irão trazer esta grande obra: redução do tempo gasto no percurso entre as cidades beneficiadas; motivação para o surgimento de novas empresas, porém o mais importante benefício é com certeza a segurança de cada um de nós que transitamos na mesma principalmente em dias chuvosos ou em períodos longos e feriados, onde a grande massa se desloca nos sentidos capital interior e vice-versa.

Finalmente com este grande passo Pernambuco prepara-se muito mais progredir e explorar definitivamente suas riquezas culturais.

Pesquisa: João Batista Gabu
O Editor
Gravatá

Fonte: Revista Gravatá (2001)

³⁶ Bacamarteiros é um grupo de atiradores que usam a arma de fogo chamada "bacamarte" para atirar com pólvora. Esse grupo tradicional se apresenta artisticamente em movimentos culturais e religiosos.

Conforme o colaborador da revista, esse investimento só teve a somar na região do agreste. De acordo com Mauro (2009), essa duplicação em Gravatá provocou mudanças quantitativas e qualitativas no desenvolvimento socioeconômico da região principalmente na demanda pelo turismo, rede hoteleira, construção civil e artesanato.

Em abril de 2002, o prefeito Sebastião Martiniano faleceu, e quem assumiu o poder na prefeitura foi o Vice Joaquim Neto. O vice-prefeito da cidade continuou o projeto da gestão anterior em relação ao SJG, segundo Rildo Feitosa, proporcionando um aprimoramento do que já se tinha, e para isso contratou uma empresa privada que organizou toda estrutura do evento nos anos de 2002 e 2003.

Rildo afirma que essa nova dinâmica, esse novo conceito do SJ começa a partir de 2001 com a colaboração de Pereira que, na época já era produtor de eventos e tinha participado da Gestão de João Lira em Caruaru nos anos anteriores, sendo também presidente da fundação de cultura da mesma cidade. Por isso com a nova gestão, Pereira permanece como prestador de serviço e procura melhorar a dinâmica e o conceito de festa. Esse conceito envolvia a estrutura de palcos, camarotes, contratações e etc.³⁷

Em abril de 2004 Rildo Feitosa assumiu o cargo de secretário de Turismo, cargo esse que, há 10 anos, era apenas um departamento dentro da secretaria de Desenvolvimento e desde o começo dos anos 2000 se tornou um dos mais concorridos no município. A partir de 2004 a prefeitura voltou a assumir a organização da festividade de SJ e não houve necessidade de contratação de uma empresa terceirizada, conforme Rildo.

Para o secretário de Turismo da época o conceito de organização de estrutura e oferta do SJG e das outras festividades da cidade devia ter o mesmo nível dos eventos privados. Por isso, até a oferta da grade musical tinha que atender desde o público adulto até os mais jovens.

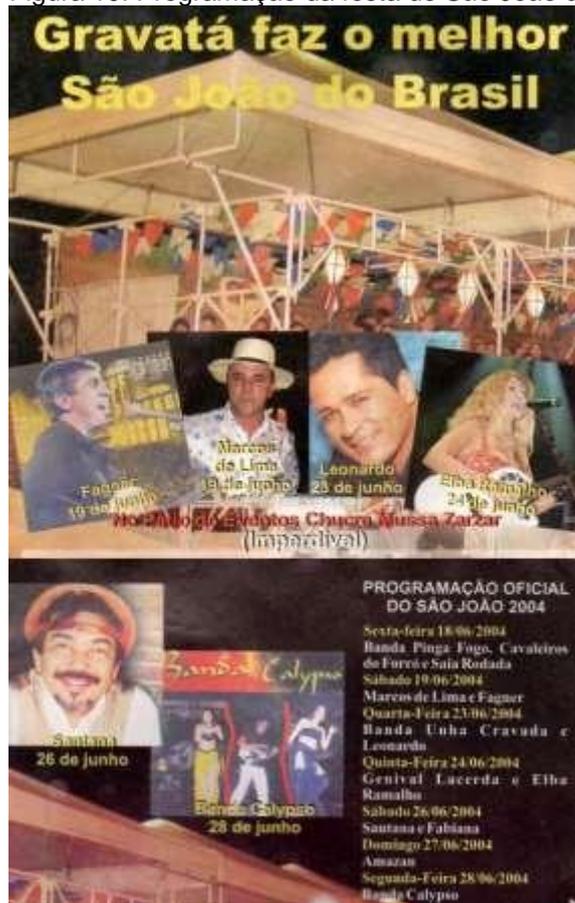
Nós entendemos também que essa grade de oferta citada pelo antigo secretário também pode ter sido uma “condição” para que a cidade tivesse mais patrocinadores e esses apoiassem o evento na cidade, por isso, mais que

³⁷ Pereira era um produtor de eventos que juntamente com os secretários de Turismo Eduardo Cavalcanti (2001) e João Machado (2002 e 2003), produziu o São João de Gravatá em parceria com uma empresa privada.

uma preocupação com o público isso também fez parte das “condições” para os patrocínios.

A primeira atração geralmente era uma atração local, a atração do meio era para um público adulto, [...] porque o público adulto é aquele que dormia mais cedo, vai dormir mais cedo, e a última que a gente fazia era uma atração de maior porte para o público jovem que é o que geralmente fica até o final da festa, porque ele espera ou ao menos na cabeça dele a última atração será a melhor [...] ³⁸

Figura 19: Programação da festa de São João de Gravatá de 2004



Fonte: Revista Gravatá (2004, adaptado pelo autor)

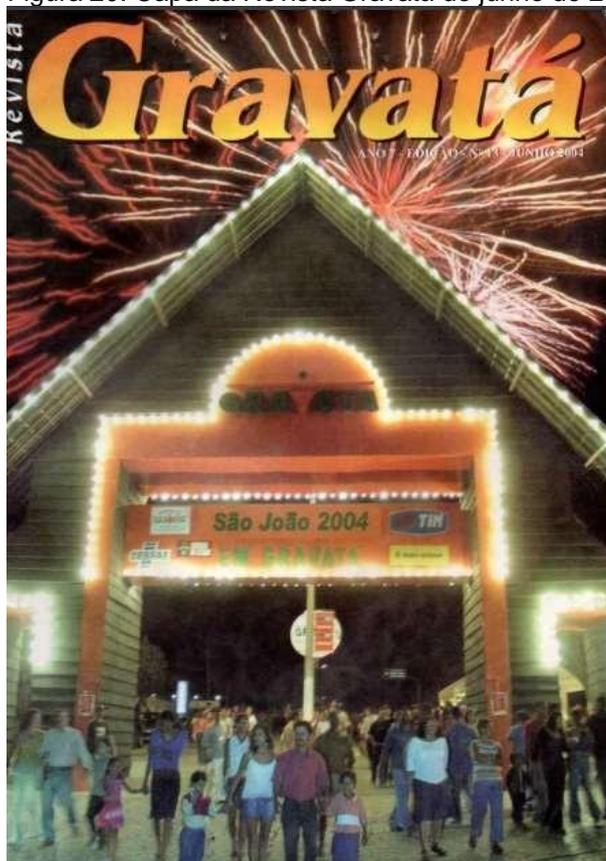
Analisando a programação desse SJ de 2004 e as palavras do então secretário, vemos que as bandas de maior nome nacional ou regional estavam conforme o entrevistado falou, no final da festa. Isso é uma técnica de segurar o público por mais tempo, para que consumam mais no ambiente. Deste modo, um evento deste porte que oferece uma estrutura para o turista, camarotes, que na época era uma novidade na cidade, barracas de gastronomia local e

³⁸ Rildo Feitosa em entrevista para o autor.

para o grande público, bandas de renome, faz-nos necessariamente refletir no impacto econômico que gera para os comerciantes.

Por isso notou-se nesse período que houve um incremento para o comerciante, porque bandas com renome nacional tem um grande público. Esse, quando está na cidade, se utiliza do comércio local para fazer compras, seja pelo turismo ou até mesmo por necessidade. Logo, modelos de negócio oferecidos ao turista na festa e também fora dela tiveram um impulso a partir dos anos 2000 porque produziram direta e indiretamente empregos temporários aquecendo a economia local, de acordo com os moradores entrevistados.

Figura 20: Capa da Revista Gravatá de junho de 2004.



Fonte: Revista Gravatá (2004)

Além do estímulo no comércio local outra oportunidade no evento do SJG foi para os patrocinadores. Rildo Feitosa também afirmou que houve a necessidade de patrocínio da festa para a realização desse novo formato. Por isso algumas empresas desde o começo da gestão em 2001 já eram convidadas, conforme a figura 16, para patrocinar o evento visando divulgar a

sua marca. Entre elas temos uma empresa de telefonia, conforme a capa da revista (figura 20), o SEBRAE, e o Banco do Brasil.

Esta capa da revista Gravatá de 2004 também demonstra o processo de espetacularização da festa, de acordo com Debord (1997), a própria programação divulgada apresenta uma supervalorização visual, sendo percebido no título “Gravatá faz o melhor São João do Brasil” (Revista Gravatá, 2004, p. 8), conforme a figura 19, e também, no aspecto imponente do portal do evento. Este, conforme a Figura 20, evidencia uma valorização no seu colorido, no jogo de luzes e nos fogos, pretendendo encantar e ao mesmo tempo chamar atenção do leitor para que fique subentendido que “o melhor São João do Brasil” tem um grande público, grandes patrocinadores e excelente programação, um verdadeiro espetáculo!

Espetacularizar é isso: transformar o formato das décadas anteriores em um nível maior. Seja de estrutura física, de contratação de bandas que pouco se assemelham com a festividade em si, de decoração do ambiente e de publicidade, elevando o evento através do jogo de imagens a fim de promover uma supervalorização. Esse fenômeno também foi percebido no trabalho de Silva sobre São João de Caruaru:

[...] O formato da festa foi completamente modificada, organizado dentro da lógica da economia capitalista que entende que tudo é mercadoria, tudo deve gerar a possibilidade de movimentação econômica e tudo é espetáculo. (2010, p. 45)

E também em Nóbrega (2010), quando ela analisa o São João de Campina Grande. A autora comenta que a indústria cultural se move no interesse de apropriar-se do evento para vincular sua mensagem publicitária. Adaptar essa festividade em um megaevento é também uma da função da mídia local que faz um convite visual por meio de uma linguagem especificamente midiática.

Essa lógica do começo dos anos 2000 proporcionou para a cidade uma visibilidade que antes não era tão acentuada. Desse modo, se por um lado há retorno significativo para economia local que é basicamente sustentada pelo turismo, por outro lado a presença desse grande público na cidade gera alguns problemas como: a curto prazo, a poluição exalada das fogueiras e o trânsito

caótico; Já a médio e longo prazo, o crescimento desenfreado de condomínios e privês que destroem a vegetação nativa do município.

Lançar o conceito/marca “São João de Gravatá” motivou-se principalmente por esse grande público que ficava nas acomodações da cidade, seja na segunda residência ou nos privês, chácaras e hotéis. Também trazer o turista para o centro da cidade e apresentar-se como alternativa para o São João de Caruaru, aproveitando a rota que as pessoas já faziam em direção a suas moradias ou acomodações no município.

Essa intenção trouxe disputas políticas entre as cidades de Caruaru e Gravatá, sendo a mais conhecida: “Gravatá queria tomar o São João de Caruaru”, como afirma Rildo Feitosa em entrevista. Esse fato estimulou calorosas discussões entre membros do governo de ambas as cidades. Em uma dessas situações o secretário de Turismo de Gravatá estava em reunião com membros do governo municipal da cidade de Caruaru e na ocasião foi acusado de querer engrandecer o SJG para tomar o espaço de Caruaru, contudo, o secretário falou que isso seria impossível pela tradição de Caruaru, e que Gravatá tinha um público e um perfil completamente diferente, “o SJG era regado a vinho!”, como conta.

Essas “histórias” geraram rumores tanto para os moradores de Gravatá quanto para os de Caruaru que haveria uma disputa entre ambas as cidades. Contudo, com o passar dos anos e a consolidação do São João de Gravatá com um perfil de público diferente do público de Caruaru, essas questões foram apaziguadas e a “polêmica” foi perdendo espaço.³⁹

Os investimentos nessa festividade proporcionaram para a economia local um atrativo porque como vimos Gravatá já tinha um forte setor imobiliário. Este está acompanhado do turismo, ou seja, não há procura imobiliária em Gravatá sem turismo, e nesse caso o município oferece outro modelo de turismo: o turismo festivo. Essa parceria público/privado contribuiu para o aumento significativo da proporção da festa espetacularizada. É uma via de mão dupla, quanto maior o evento mais pessoas vão para o município, quanto mais pessoas, mais a economia local é aquecida.

³⁹ Segundo o entrevistado Rildo Feitosa o público de Gravatá era em sua maioria o público adulto que ficava em suas “segundas residências” na cidade. Este público gostava de uma festa mais tranquila em relação a Caruaru, que tinha uma característica de festa mais agitada. Por isso o público da cidade vizinha era mais jovem.

É óbvio que a prefeitura, enquanto instituição promotora da festa, impulsionou este movimento de espetacularização, contudo existe um contexto em que outros atores são também agentes nesta mudança, como os artistas, turistas e população local. Conforme Hall (2006) esta articulação entre estes vários eixos promovem uma cultura híbrida, sendo resultado de uma mistura global. Desse modo, o SJG espetacularizado sofre influências de outras festas que também passaram e passam por este processo como: o São João de Campina Grande e Caruaru no Nordeste, a festa de Parintins no Norte, a do Peão de Barretos no Sudeste e a Oktoberfest no Sul (SILVA, 2010).

3.3 ARTISTAS LOCAIS NO SÃO JOÃO DE GRAVATÁ

Como já citamos, os eventos do SJG foram tomando outras proporções e nesse processo de espetacularização a grande parte dos artistas locais contestaram a falta de espaço dentro da programação como também a transformação no formato da festa. Segundo eles, esse novo formato não correspondia ao modelo tradicional porque trazia bandas diferentes do contexto junino.

Nesse momento, a prefeitura começou a criar maneiras de valorizar esses artistas do cenário local. Uma das ideias foi a criação do espetáculo Natalino do ano de 2004, que entre outras atrações inseriu o projeto do professor e maestro Barbosa. Foi a partir dele que foi criada a Orquestra Sanfônica de Gravatá a fim de valorizar jovens e artistas já consagrados da cidade e também divulgar o nome de Gravatá em outros estados.⁴⁰

A Orquestra Sanfônica de Gravatá foi criada no ano de 2005 pelo professor de música Maestro Barbosa, com o apoio da Secretaria de Turismo do município. A ideia da orquestra surgiu a partir de uma apresentação de natal do projeto de música em que o Prof. Barbosa participava. Naquele ano a ideia inicial era criar um espetáculo de Natal com os alunos do projeto tocando um repertório natalino utilizando a sanfona, chamado de “Sanfônica Natalina”.⁴¹

⁴⁰ Maestro Barbosa é Professor e artista local. A Orquestra constituída em sua maioria por sanfoneiros, ou seja, tocadores de sanfona ou acordeom.

⁴¹ Atualmente a orquestra Sanfônica encontra-se desativada por falta de incentivo do município.

Na preparação do espetáculo, o professor percebeu que muitos dos alunos tinham resistência em tocar outros ritmos como valsa, tango e bolero, porque eram muito ligados aos ritmos tradicionais nordestinos como o forró e baião. O Prof. Barbosa então transformou os jingles de natal em formato de xote, baião e arrasta-pé para que os alunos se familiarizassem com o repertório, transformando a apresentação em um espetáculo de natal em ritmo nordestino. A apresentação foi realizada em frente à igreja matriz da cidade, em um palco montado especificamente para este evento, obtendo muito sucesso entre os expectadores.

A partir desta apresentação surgiu a ideia de tornar o grupo fixo, tocando outros repertórios e se apresentando não apenas durante as festividades natalinas. O professor Barbosa, em diálogo com a Secretaria de Turismo foi consolidando o grupo de músicos para formar uma orquestra. Diversos nomes foram pensados para o grupo: Sanfônica Nordestina e Vozes da Sanfona. Entretanto, a ideia era também divulgar a cultura Gravataense em outros locais em que se apresentassem e assim foi criada a Orquestra Sanfônica de Gravatá.

A orquestra era formada por alguns dos jovens alunos do projeto e também outros músicos que já tinham um trabalho artístico na cidade e foram convidados pelo maestro para fazerem parte do grupo. A orquestra foi formada por dezoito (18) sanfoneiros, três (3) músicos nos instrumentos de corda (contra baixo, cavaquinho e violão), quatro (4) músicos nos instrumentos percussivos (zabumba, triângulo pandeiro e congas) e um (1) apresentador, artista local de teatro, Luis Martins, responsável por conduzir de forma lúdica os expectadores. O apresentador se caracterizava como um “coronel” e contava entre uma música e outra enredos anedóticos do Nordeste. A vestimenta utilizada pelos músicos durante as apresentações continha elementos da cultura nordestina, como alpercatas e chapéu de couro.

Figura 21: Foto da primeira apresentação do que viria ser a Orquestra Sanfônica de Gravatá - 2004



Fonte: Acervo pessoal do Maestro Barbosa

A Orquestra se apresentou em diversas cidades do estado de Pernambuco e Alagoas. Os contatos eram realizados pela prefeitura que pagava um cachê aos músicos da orquestra e ao mesmo tempo divulgava a cultura local. Outras apresentações surgiam através de contatos do próprio Prof. Barbosa. Ela serviu como elemento importante da divulgação da prefeitura em outras cidades, ou seja, quando a orquestra iria se apresentar em outros locais ela tinha por objetivo também levar o nome da cidade de Gravatá para outros municípios, fazendo assim uma espécie de “marketing” em relação a sua cidade origem.

Foi a partir da experiência da orquestra que também surgiu a ideia do professor Barbosa e da secretaria de Turismo de criar na cidade de Gravatá o dia do sanfoneiro, celebrado em 02 de agosto.⁴² A data marca a morte de Luiz

⁴² Segundo consta no site da prefeitura 02 de agosto é instituído dia do sanfoneiro em Gravatá através de lei municipal do ano de 2006. Disponível em: <<https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/dia-do-sanfoneiro-sera-comemorado-na-proxima-quinta-feira-2-em-gravata/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2021. Essa data foi ideia do maestro Barbosa, como ele conta na entrevista, juntamente com a secretaria de Turismo da época para criar outra festividade no município no sentido de potencializar mais uma data que incremente o turismo e também para homenagear os diversos sanfoneiros da cidade. É importante comentar que existe uma lei federal em referência ao dia do sanfoneiro. A lei 14.140/21 foi

Gonzaga. O formato da celebração foi definido como a cada dia 02 de agosto, os músicos da orquestra, junto com outros sanfoneiros da região participavam de uma grande missa, realizada a partir das músicas de Luiz Gonzaga e tocada por sanfona, como gesto de agradecimento pelo dom da música e pelo período de ganho das festas juninas, mês em que os sanfoneiros mais trabalham e tiram seu sustento.

Pensando em proporcionar um espaço para os artistas locais dentro do contexto da festa espetacularizada, foi criado um espaço físico no qual os sanfoneiros e os trios pés de serras da cidade pudessem se apresentar. Esse local ficou conhecido como “Polo cultural dançando o nordeste”, que anos depois foi intitulado “Polo da sanfona” (Ver no anexo H). Esse espaço tinha uma ambientação de cidade cenográfica com casinhas que lembravam cidades do interior do nordeste, bandeiras da festividade e balões.

Figura 22: Foto da apresentação do Léo do acordeom e seus músicos, no polo cultural em 2005. Composição original de um trio pé de serra, Sanfona, Zabumba e Triângulo.



Fonte: Acervo pessoal do Léo do Acordeom.

assinada pelo presidente Jair Bolsonaro em 2021 instituiu o dia do sanfoneiro no Dia 26 de maio. Essa data é em referência ao famoso sanfoneiro Sivuca, que nasceu na mesma data. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/dia-nacional-do-sanfoneiro-e-celebrado-pela-primeira-vez>>. Acesso em: 27 de jul de 2021.

Na imagem da figura 22 percebe-se um palco pequeno, com pouca estrutura de som e iluminação, além disso, os integrantes do trio estão com a camisa de um dos patrocinadores do evento e atrás também está estampado uma marca de telefone. Esse polo ficou para artistas locais que geralmente tocavam em horários diferentes do polo dos shows maiores, por isso servia de atenção primária para o grande público. Os artistas e trios locais que também participaram desse polo foram: Trio Esquenta Moreninha, Joãozinho do Acordeom, Trio Xique Xote, Trio Talismã, Trio Bom Clima, Biu Galego e trio, Originais do forró, Catimbó do forró, entre outros.

É importante frisar que com o passar dos anos esse polo foi tomando dimensões maiores, e tendo a sua estrutura física e sua localização mudada, não houve mais espaço para os trios nesse polo, então artistas de outras cidades também passaram a se apresentar neste local. Dentre os artistas locais que se apresentaram nos últimos anos podemos citar, Léo do Acordeom, Fagner Chagas e Trio do Acordeom, todos em formação de banda.⁴³

3.4 ESTRUTURA FÍSICA DO SÃO JOÃO DE GRAVATÁ

Como veremos na figura 23, a ideia de tradição traz consigo elementos que trabalham com jogo da representação, por isso veremos o vilarejo, os balões, as casas que representam as pequenas casas humildes do interior, os assentos de madeira, e nesse meio também podemos ver a propaganda do patrocinador do SJ.

Essa era a estrutura do polo menor do evento da cidade. Nele há um jogo de imagens para proporcionar a quem estava no evento um clima de cidade interiorana, logo, até os trios necessitavam ter seu repertório cheio de músicas regionais. Em relação ao público há uma distinção de um polo para o outro, no Polo Cultural na sua maioria há pessoas de maior idade geralmente em família, já no Polo de grandes eventos há uma mistura com tendência de pessoas de menor idade.

⁴³ Formação de banda é composta basicamente por Sanfona, Zabumba, Triângulo, Guitarra, Contra Baixo e Bateria.

Figura 23: Cidade cenográfica do polo da Sanfona de Gravatá – 2017



Fonte: Disponível em: < <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/sao-joao/2017/noticia/sao-joao-de-gravata-comeca-nesta-sexta-feira-16.ghtml>>. Acesso em 19 de jul. de 2021.

Nos últimos anos o Polo Cultural recebeu uma reestruturação e os trios foram substituídos pelas bandas, conforme citado anteriormente. Isso fez com que fosse aberto espaço para bandas de outros locais e aqueles artistas da terra que continuaram na formação “Sanfona, Zabumba e Triângulo” foram perdendo o espaço dentro da festa espetacularizada.

Essas bandas na sua maioria seguem o repertório dos artistas chamados “tradicionais”, contudo são incrementadas por outros instrumentos. Mesmo assim a característica física do local seguiu o mesmo padrão de cidade interiorana desde quando era um local para trios. Chartier (1988) apresenta que esses símbolos (Cidade interiorana, por exemplo) podem ser apropriados de acordo com sua utilidade, porque fazem parte da lógica da festa produzindo um sentido. O sentido da cidade cenográfica é transportar o turista para um local pacato dentro de um clima de SJ do interior, diferentemente do que acontece com o polo dos grandes eventos.

No polo principal que é conhecido como Parque Chucre Mussa Zarzar, ficava concentrada a maior parte dos espectadores do SJG. Nele havia dois palcos os quais eram destinados para as bandas se apresentarem. Um palco secundário e um palco principal, além disso, também tínhamos os camarotes

de patrocinadores e políticos, e para a alimentação esse local dispunha de barracas gastronômicas com uma variedade grande de comida e bebida.⁴⁴

Figura 24: Foto panorâmica do parque Chucre Mussa Zarzar – SJG - 2019



Fonte: Disponível em: <https://www.prefeituradegravata.pe.gov.br/sao-joao-de-gravata-2019-estreia-com-patio-de-eventos-lotado-e-nenhuma-ocorrencia-policial-registrada/>. Acesso em: 20 de jul. de 2021

Ambos os polos se localizavam na Avenida Joaquim Didier, sendo o acesso principal pela ponte do Camelo, mas não a única, entre um polo e outro havia, às vezes, barracas de artesanato (dependendo do ano), e também existiam atrações móveis, como grupos de bacamarteiros e também o grupo de teatro: Os três matutos.

Foi dessa maneira que o SJG se transformou, de festas populares nas escolas e nos bairros, passando pelos antigos palhoções, para o protagonismo do poder público nos anos 90 e 2000. A centralização do evento permitiu que a prefeitura explorasse o turismo festivo no município e alavancasse ainda mais a economia local nesse período junino.

Isso fez com que cada vez mais as pessoas e comércio assumissem essa ideia de “cidade turística”, porque as pessoas foram motivadas através do aquecimento da economia. O turismo festivo abriu outras oportunidades para aqueles que quisessem empreender, seja através da venda do artesanato ou até mesmo da área gastronômica. Por isso além da festividade em si, a cidade dispõe de uma gama hoteleira, restaurantes e pontos turísticos que são atrativos para o pré ou pós ciclo junino.

⁴⁴ Filho de imigrantes palestinos, foi ex prefeito da cidade. O parque Chucre Mussa Zarzar é em homenagem ao ex prefeito de mesmo nome, filho de imigrantes Palestinos. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2110200214.htm>>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

Com relação aos shows, é uma marca da cidade ter em sua programação bandas conhecidas nacionalmente e oferecer ao público toda estrutura necessária para que ele venha desfrutar do SJG. Apesar da mudança de gestões na prefeitura, ela segue o padrão da marca “São João de Gravatá”, ou seja, megaeventos são produzidos para o turista e o modelo espetacularizado do marketing e produção segue com a mesma referência (ver anexos G, H, I, J, L, M e N), desde quando começou dos primeiros anos da década de 2000.

CONCLUSÕES

Conhecer e analisar as festas populares é fundamental para compreender a cultura de um povo. O São João enquanto manifestação cultural reúne elementos importantes da cultura local e regional, como: crenças, simbologias, costumes, arte e hábitos alimentares. A tradição desta festa remonta muitos séculos, sendo assim uma das mais antigas celebrações do Brasil.

O São João de Gravatá tem se estabelecido como uma festa relevante no calendário regional, no entanto, o modelo de festa atual se difere das primeiras expressões de Festas Juninas ocorridas na cidade. Na década de 70 tinha uma característica mais popular, com festas entre vizinhos e comemorações nas escolas, com o passar dos anos ainda nos bairros foram surgindo os chamados “palhoções”, esses eram muito famosos, porque reuniam diversas pessoas de diferentes bairros do município, nesses locais aconteciam danças de forró e apresentações de quadrilhas juninas.

Esses “palhoções” eram festas promovidas pela própria comunidade, sendo alguns pagos pelos participantes por meio de uma “cota”, ou seja, pagamento simbólico como forma de contribuição para a festa acontecer. Paralelo a isso, a alta sociedade Gravataense também tinha seus eventos de Festa Junina que geralmente aconteciam nos clubes da cidade, como CDG e XV de Novembro.

Entre o final dos anos 80 e início dos anos 90 o poder público municipal começou a promover festas públicas de São João, seguindo basicamente o mesmo formato das festas de bairro e palhoções, contudo transportando para o centro da cidade. Esse modelo de festa pública e centralizada enfraqueceu os antigos palhoções e as festas de bairro, principalmente no final dos anos 90.

Ao mesmo tempo cada ano as festas da prefeitura ganhavam força, pelo seu poder de financiamento e número de público. É importante salientar que desde as décadas de 70 e 80, Gravatá já era movida pelo o turismo rural, com o crescimento expressivo de privês e condomínios.

Foi justamente pensando nestes turistas que a cidade foi promovendo uma organização em relação ao seu turismo festivo. Essa remodelação aconteceu no começo dos anos 2000, e em 2004 foi promovido o primeiro São

João aos moldes espetacularizado. Esse modelo não substituiu o chamado “tradicional” mais antigo, contudo agregou-o para atribuir mais sentido ao novo contexto da festa e inventar a tradição da festa de São João de Gravatá.

Cabe ressaltar que a mudança para esse novo modelo, não foi de uma via única, ou seja, a prefeitura da cidade, todavia, devemos pensar de forma ampla. A prefeitura impulsionou o processo de transformação, porém outros atores, como turistas, moradores e empresários também contribuíram na construção e ressignificação da marca “São João de Gravatá”.

Sendo assim, pudemos perceber que as transformações no São João do município refletiram diretamente nas transformações históricas e culturais da própria sociedade Gravataense na transição do século XX e XXI. O evento contribui diretamente para a economia local, aquecendo-a e trazendo mais pessoas para a cidade, além disso, oferece ao morador novas oportunidades de negócio; no turismo, possibilitou o turismo festivo, já que antes Gravatá só oferecia o turismo rural; na política, dando mais ênfase e visibilidade a cidade na sua política a nível Estadual e Federal, porque diversas marcas patrocinaram esse evento.

Por outro lado, também percebemos que alguns artistas locais de “menor” expressão ficaram de fora do evento espetacularizado, uma vez que até o polo destinado aos trios pé de serra foram retirados do centro do evento. Sobraram os polos paralelos nos bairros periféricos da cidade, como o palco cultural do Cruzeiro (ver no anexo N) e o mercado cultural (ver no anexo M) para esses artistas locais. Outra questão importante, com o crescente desenvolvimento turístico, cada vez mais aumenta o número de condomínios no município ocasionando no aumento de construções irregulares, fazendo uma diminuição gradativa do bioma local e prejudicando o meio ambiente.

Dessa forma, esse trabalho compreendeu a importância deste fenômeno que não é exclusivo de Gravatá, mas que está presente em diversas cidades do Brasil, sobretudo do Nordeste. Influencia direta e indiretamente os aspectos, econômicos, sociais, políticos, históricos e culturais do município.

Por fim, esta pesquisa abriu possibilidade de trazer a tona o registro histórico deste processo de transformação do São João de Gravatá. Isto também possibilita outras pesquisas que não foram aprofundadas, como: o turismo rural de Gravatá, o calendário festivo das outras festas e a festa do

centenário da cidade de 1993. Direcionando para aspectos mais amplos também proporciona ideias para outros estudos sobre festas regionais de outras cidades, a relação das festas juntamente com a política, a construção histórica das manifestações “tradicionais”, os ciclos econômicos proporcionados pelas festas e a possibilidade de compreensão das transformações sociais a partir das festividades.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **História cultural e história das idéias**. *Cultura*, vol. 21, 2005, p. 259-286. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cultura/3353>>. acesso em: 16 jun. de 2021.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.30 de dez.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Débora Vieira Bruce. **Os impactos do turismo e a política da monumentalidade na cidade de gravatá**. Interfaces, Caruaru, v. 6, n. 2, 2006. 15 p.

FILIPIM, Priscila Viviane de Souza. ROSSI, Ednéia Regina. **Nova História Cultural e História da educação**: rompendo paradigmas no ofício de historiar - notas de um percurso. XI Congresso nacional de Educação. EDUCERE, 2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7791_4347.pdf>. Acesso em: 26 de jul. de 2021.

GALVÃO, Patrícia Lins de Arroxelas. **Turismo, lazer e segunda residência: as transformações socioespaciais no meio rural de Gravatá-PE**. 2019. 312f.: il. Tese (Doutorado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós Graduação em Turismo. Natal, RN.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro- 11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo – SP: Martins Fontes, 1992.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do senso demográfico 2010 – Brasil**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 25 de jun. 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de janeiro: Jorge Zahar. 14.ed. 2001.

LINS, Alberto Frederico. **História de Gravatá**. Recife: INOJOSA, 1993.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Clio e outras tramas: a nova história cultural e a literatura comparada**. Revista Língua e Literatura. vol. 13. n. 20 - p. 1- 216 - Ago. 2011

MAURO, Figueira De Ferreira Lima. **Desenvolvimento e sustentabilidade da Atividade Turística em Gravatá-PE**: Posicionamento do Segmento Hoteleiro Local. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

NEVES, Anderson Jonas das. **Uma interpretação analítico-comportamental de aspectos culturais e simbólicos da fogueira de São João. Perspectivas**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 079-096, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217735482017000100007&lng=p&t&nrm=iso>. acesso em 25 de jul. 2021.

NÓBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do mundo** : dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. 2010.

RANGEL, Lúcia Helena Vitali. **Festas Juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008. Disponível em:
<<https://www.yumpu.com/pt/document/read/16423137/livro-festas-juninaspdf-festa-junina>>. Acesso em: 25 de jul de 2021.

REVISTA GRAVATÁ. Gravatá-PE, ano 4 – ed. nº 7, junho, 2001.

_____. Gravatá-PE, ano 7 – ed. nº 13, junho, 2004.

RODRIGUES, Margarita de Cássia Viana. **Desenvolvimento Local, Turismo e Lazer no Agreste Central de Pernambuco**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2007. Disponível em:
<<https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/TESE-MARGARITA.pdf>>. Acesso em: 03 de jul. de 2021.

SILVA EMMANOEL. **Gravatá memórias do tempo**. Inojosa, Recife-PE. 2002. 100 p

SILVA, José Daniel da. **“Festas boas” de Caruaru-PE: Conceição à capital do forró (1950-1985)**. Recife: 2010. Dissertação Programa de pós graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. 162 p.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GESTORES

- 1 - Como era o São João em Gravatá?
- 2 - Onde ocorriam as festividades (bairros/distritos)?
- 3 - Quem eram as atrações convidadas/contratadas?
- 4 - Como era a estrutura comum da festa?
- 5 - Quem era o público participante? (Já havia um movimento turístico?)
- 6 - Quando o São João de Gravatá começou a ser transformado no que é hoje?
- 7 - Quais foram as motivações da gestão para mudar a cara do São João de Gravatá?
- 8 - Como foi essa mudança a nível de gestão, processos administrativos, equipe envolvida?
- 9 - E quanto aos aportes financeiros para o novo formato de festa?
- 10 – E quanto a estrutura física da festa?
- 11 - E quanto as atrações convidadas/contratadas, o que mudou? Como mudou?
- 12 - Quais as estratégias que foram pensadas para divulgar esse novo São João de Gravatá?
- 13 - Como foi a receptividade do público a este novo formato de festa? Do público local? E do público de fora, turístico?
- 14 - Como foi a receptividade a este novo formato de festa dos artistas locais?
- 15 - Quais os benefícios você acha que essa mudança do São João de Gravatá trouxe para o município?
- 16 - Você considera que este novo formato trouxe alguma “perda” ou algo negativo em algum sentido para a festa? Se sim, qual?
- 17 - O que foi pensado na época, corresponde ao formato de hoje do São João? Você acha que cumpriu o objetivo?

APÊNDICE 2 – MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ARTISTAS

- 1 - Como era o São João em Gravatá?
- 2 - Onde ocorriam as festividades (bairros/distritos)?
- 3 - Quem eram as atrações convidadas/contratadas?
- 4 - Como era a estrutura comum da festa?
- 5 - Quem era o público participante?
- 6 - Quando o São João de Gravatá começou a ser transformado no que é hoje?
- 7 - Quais as motivações você acredita que a gestão da época teve para mudar a cara do São João de Gravatá?
- 8 - Como foi essa mudança? O que de fato mudou?
- 9 - Quais as principais transformações na estrutura da festa?
- 10 - O que mudou em relação a contratação das atrações artísticas?
- 11 - Como ficaram os artistas locais nesse novo formato de festa?
- 12 - Em relação ao cachê dos artistas locais, mudou em algum aspecto o valor e a forma de pagamento? Houve um incremento positivo?
- 13 - Como foi a receptividade do público a este novo formato de festa?
- 14 - Quais os benefícios você acha que essa mudança do São João de Gravatá trouxe para o município?
- 15 - Você considera que este novo formato trouxe alguma “perda” ou algo negativo em algum sentido para a festa? Se sim, qual?
- 16 - Quais as contribuições positivas e negativas este novo formato do São João deu ao cenário cultural da cidade?

APÊNDICE 3 – MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA NATIVOS (Moradores)

- 1 - Como era o São João em Gravatá?
- 2 - Onde ocorriam as festividades (bairros/distritos)?
- 3 - Quem eram as atrações convidadas/contratadas?
- 4 - Como era a estrutura comum da festa?
- 5 - Quem era o público participante? (Já havia um movimento turístico?)
- 6 - Quando o São João de Gravatá começou a ser transformado no que é hoje?
- 7 - Quais foram as motivações da gestão para mudar a cara do São João de Gravatá?
- 8 - Como foi essa mudança a nível de gestão, processos administrativos, equipe envolvida?
- 9 – E quanto a estrutura física da festa?
- 10 - E quanto as atrações convidadas/contratadas, o que mudou? Como mudou?
- 11 - Como foi a receptividade do público a este novo formato de festa? Do público local? E do público de fora, turístico?
- 12- Quais os benefícios você acha que essa mudança do São João de Gravatá trouxe para o município?
- 13 - Você considera que este novo formato trouxe alguma “perda” ou algo negativo em algum sentido para a festa? Se sim, qual?
- 14 - O que foi pensado na época, corresponde ao formato de hoje do São João? Você acha que cumpriu o objetivo?

APÊNDICE 4 – MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EMPREENDEDORES (Comerciantes)

- 1 - Como era o São João em Gravatá?
- 2 - Onde ocorriam as festividades (bairros/distritos)?
- 3 - Quem eram as atrações convidadas/contratadas?
- 4 - Como era a estrutura comum da festa?
- 5 - Quem era o público participante? (Já havia um movimento turístico?)
- 6 - Quando o São João de Gravatá começou a ser transformado no que é hoje?
- 7 – O São João era a festividade com melhor lucratividade?
- 8 – Havia parceria da prefeitura junto com empreendedores para fazer cursos especializantes na área?
- 9 - E quanto aos aportes financeiros para o novo formato de festa, como os patrocinadores se envolviam com os empreendedores?
- 10 – E quanto a estrutura física da festa?
- 11 - E quanto às atrações convidadas/contratadas, o que mudou? Como mudou?
- 12 - Quais as estratégias que foram pensadas para quem empreende na festa?
- 13 - Como foi a receptividade do público a este novo formato de festa? Do público local? E do público de fora, turístico?
- 14 – Há uma diferença de público no consumo?
- 15 - Quais os benefícios você acha que essa mudança do São João de Gravatá trouxe para o município?
- 16 - Você considera que este novo formato trouxe alguma “perda” ou algo negativo em algum sentido para a festa? Se sim, qual?
- 17 - O que foi pensado na época, corresponde ao formato de hoje do São João? Você acha que cumpriu o objetivo?

ANEXOS

ANEXO A – Lei Municipal nº 2869/2000 – página 1

 **PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ**
PALÁCIO JOAQUIM DIDIER
CGC (MF) 11.049.800/0001-30
Rua Cleto Campelo, 268 - Centro - Gravata/PE
Fone/Fax - 533.0209 / 533.0017

LEI MUNICIPAL N.º 2869 /2.000

EMENTA: Dispõe sobre a criação de Programas Assistenciais e Culturais e dá outras providências.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE GRAVATÁ,
faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

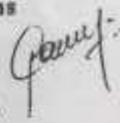
Artigo 1.º - Ficam criados os seguintes programas assistenciais e culturais:

- I - Programa de Apoio aos Deficientes;
- II - Programa Governo nas Comunidades;
- III - Programa de Distribuição de Sementes e Mudas;
- IV - Programa de Moradia Digna;
- V - Programa de Combate a Fome e a Miséria;
- VI - Programa de Desenvolvimento do Desporto Amador;
- VII - Programa de Desenvolvimento Turístico e Cultural.

Artigo 2.º - O Programa de Apoio aos Deficientes consiste no fornecimento gratuito às pessoas carentes de próteses, cadeiras de rodas, óculos e outros.

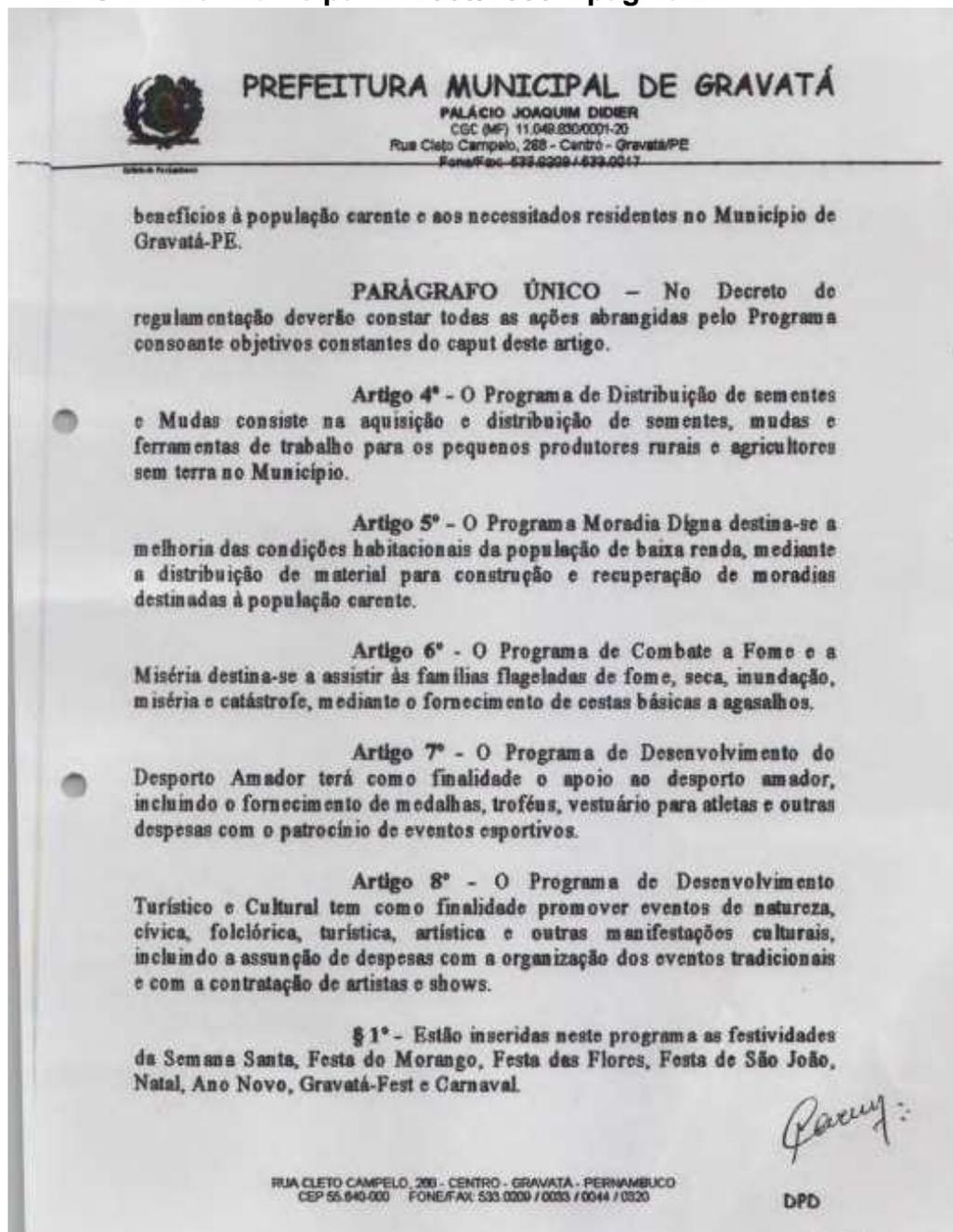
Artigo 3.º - O Programa de Assistência Social Geral "Governo nas Comunidades", tem como objetivo fornecer documentos, ataduras, medicamentos, exames, enxovais para recém-nascido, passagens para viagens a procura de emprego, atendimento médico, jurídico e outros

RUA CLETO CAMPELO, 268 - CENTRO - GRAVATÁ - PERNAMBUCO
CEP 55.540-000 FONE/FAX: 533.0209 / 0033 / 0044 / 0520

DPD 

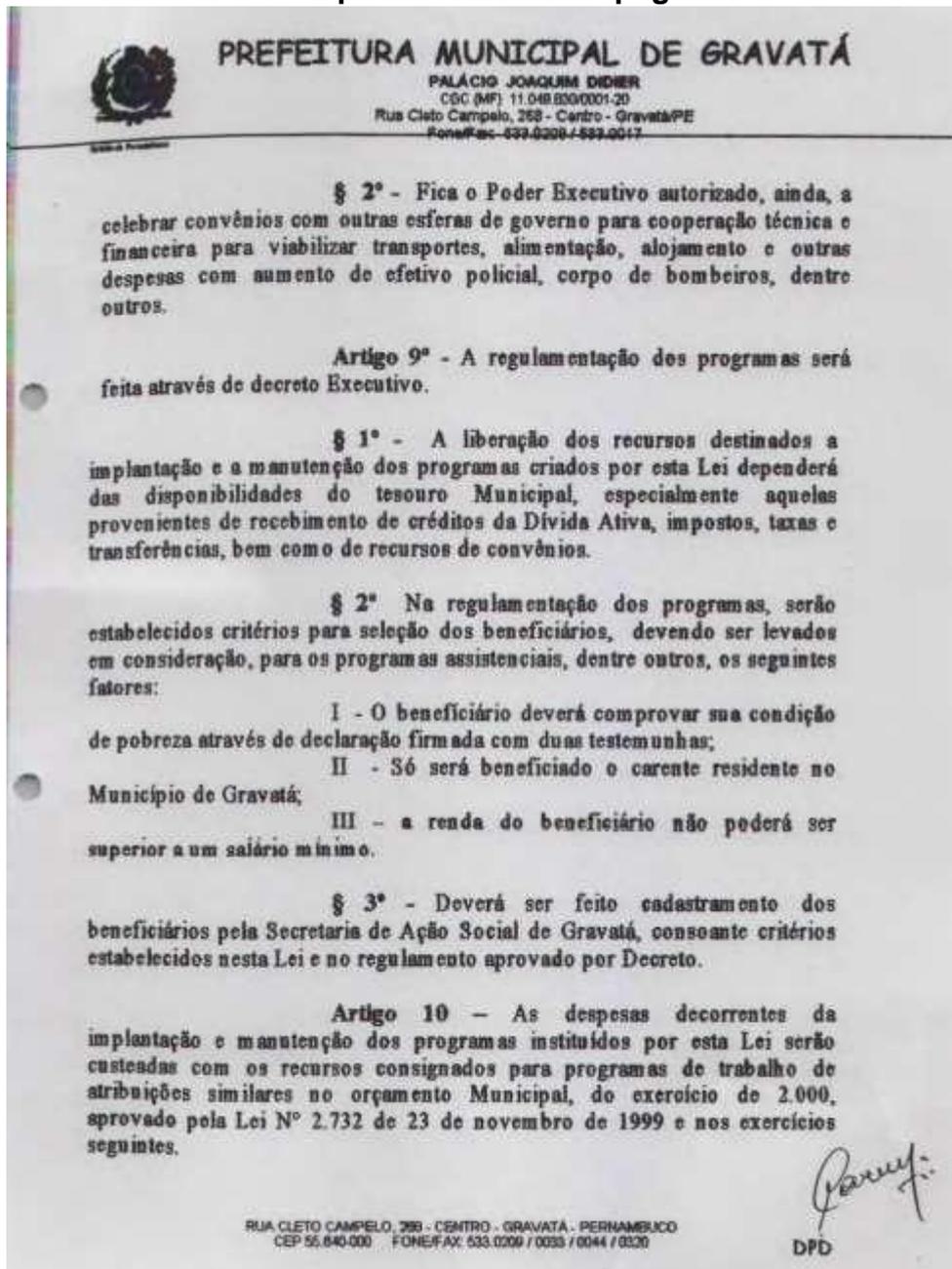
Fonte: Disponível em: http://netuse.inf.br/gravata_cm/portaltransparencia/anexos/leis/2869.pdf. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

ANEXO B – Lei Municipal nº 2869/2000 – página 2



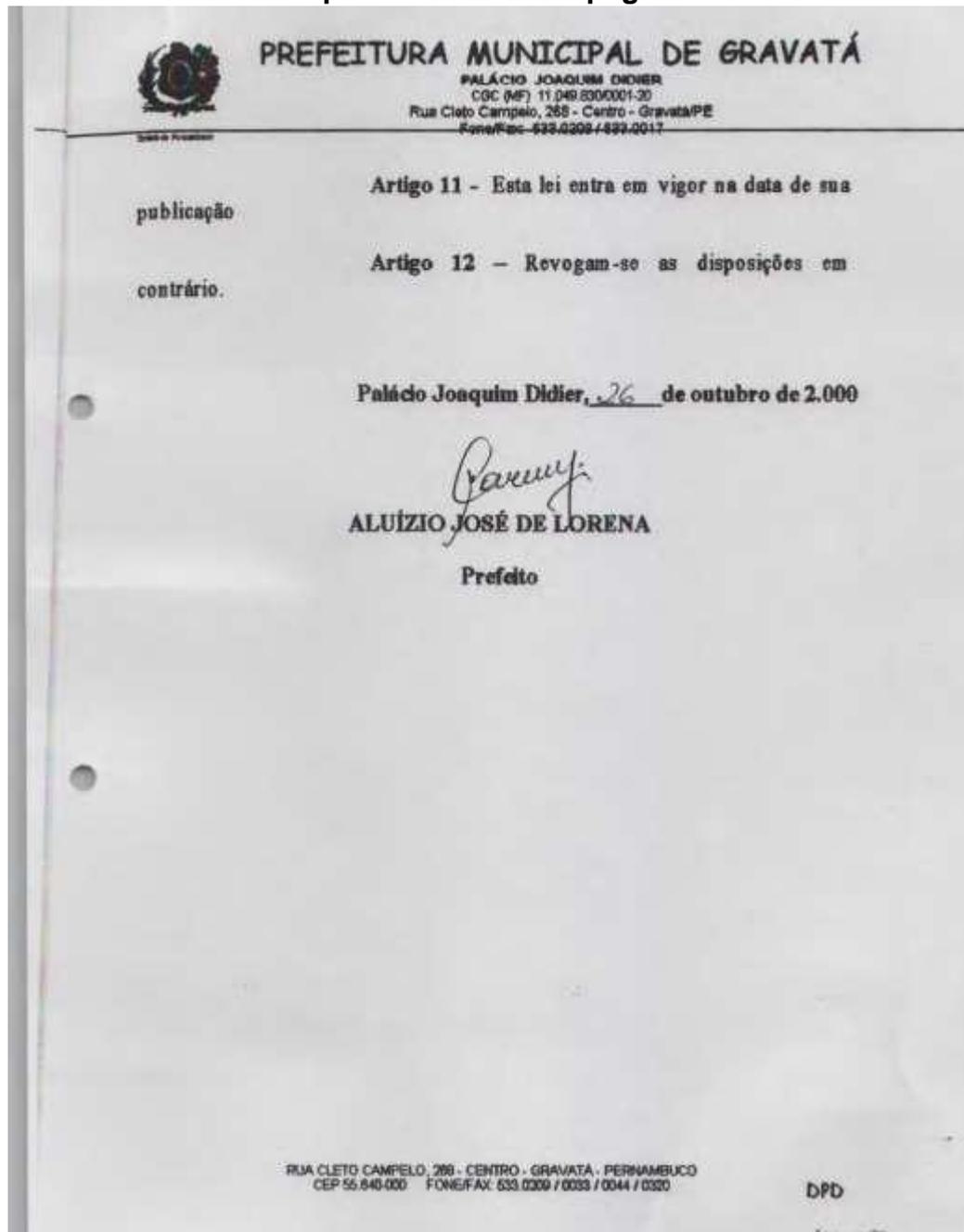
Fonte: Disponível em: http://netuse.inf.br/gravata_cm/portaltransparencia/anexos/leis/2869.pdf. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

ANEXO C – Lei Municipal nº 2869/2000 – página 3



Fonte: Disponível em: http://netuse.inf.br/gravata_cm/portaltransparencia/anexos/leis/2869.pdf. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

ANEXO D – Lei Municipal nº 2869/2000 – página 4



Fonte: Disponível em: http://netuse.inf.br/gravata_cm/portalthransparencia/anexos/leis/2869.pdf. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

ANEXO E – Lei Municipal nº 2873/2000 – página 1

**PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ**
PALÁCIO JOAQUIM DIDIER
C/GC (MF): 11.049.020/0001-30
Rua Cleto Campelo, 268 - Centro - Gravata/PE
Fone/Fax: 533.0209 / 533.0017

LEI MUNICIPAL N.º 2873/00

EMENTA: Institui o Conselho Municipal de turismo e dá outras providências.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE GRAVATÁ,
faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

ARTIGO 1º - Fica instituído o Conselho Municipal de Turismo - CMT, de acordo com a Lei Orgânica Municipal e demais Legislação, Estadual e Federal pertinente.

PARÁGRADO ÚNICO – Referido Conselho, tem caráter permanente e paritário, com função deliberativa, e será composto por representantes do Poder Executivo, Legislativo e Entidades representativas da sociedade civil.

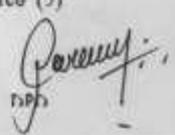
ARTIGO 2º - O Conselho Municipal de Turismo - CMT, atendendo a paridade, terá a seguinte composição:

I – Três (3) representantes do Poder Executivo Municipal, indicados pelo Prefeito;

II – Três (3) representantes do Poder Legislativo Municipal, indicados pelo Presidente da Câmara;

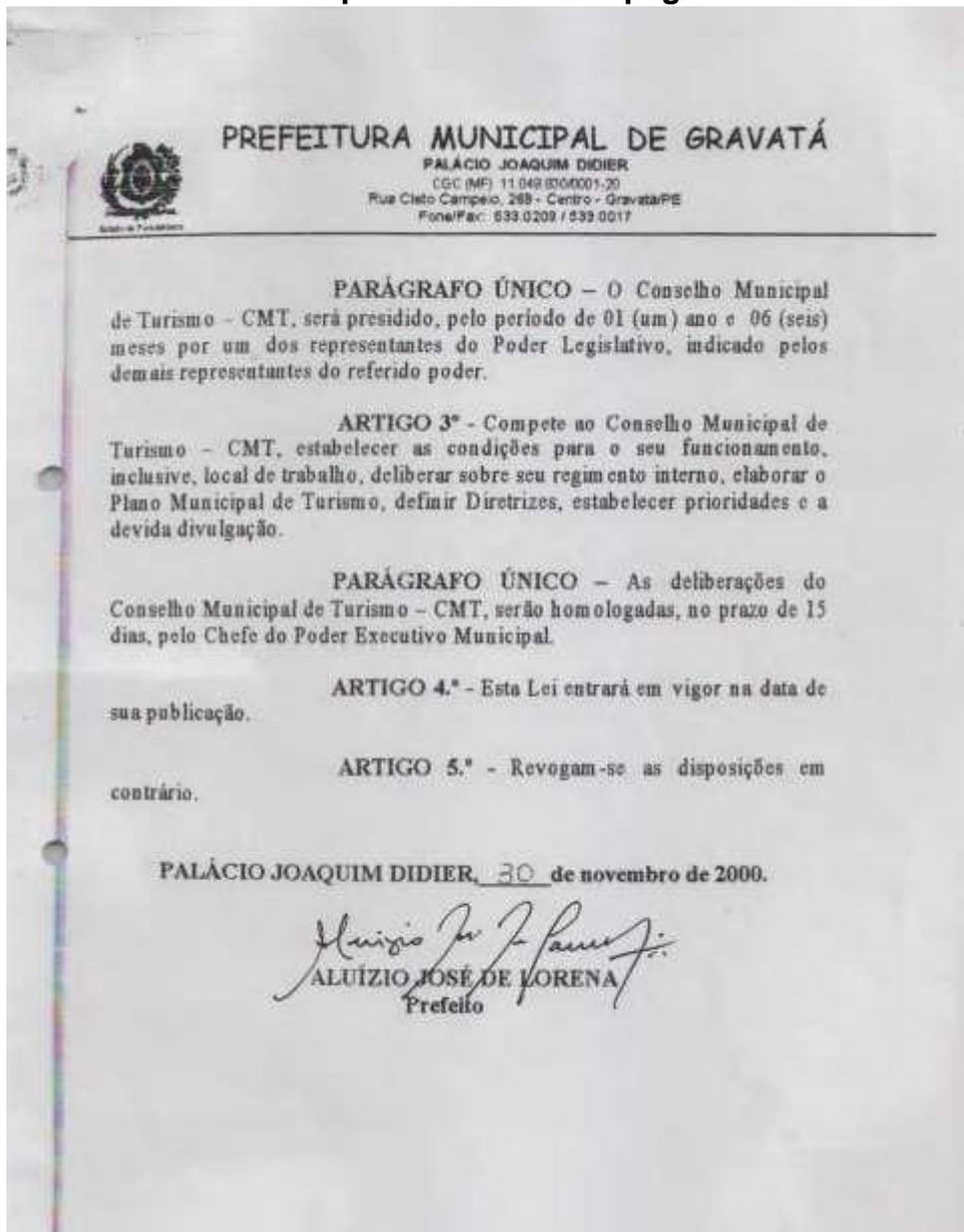
III – Três (3) representantes da Sociedade Civil, indicados por Entidades devidamente organizadas e com mais de cinco (5) anos de existência legal.

RUA CLETO CAMPELO, 268 - CENTRO - GRAVATA - PERNAMBUCO
CEP 55.640-000 FONE/FAX: 533.0209 / 0033 / 0044 / 0320


D.P.S.

Fonte: Disponível em:
<http://netuse.inf.br/gravata_cm/portaltransparencia/anexos/leis/2873.pdf>. Acesso em:
01 de ago. de 2021.

ANEXO F – Lei Municipal nº 2873/2000 – página 2



Fonte: Disponível em: http://netuse.inf.br/gravata_cm/portaltransparencia/anexos/leis/2873.pdf. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

ANEXO G – Programação do São João de Gravata - 2012

São João 2012 Gravata

Homenagem ao Rei do Baião

PROGRAMAÇÃO PÁTIO DE EVENTOS

| | |
|---|---|
| <p>08/06</p> <p>22:00h - Jorge de Alencar 23:30h - Luiz Sertanejo 01:00h - Garota Safada</p> | <p>21/06</p> <p>22:00h - Bracolese 23:30h - Pingü Fogo 01:00h - Arco de Ouro</p> |
| <p>09/06</p> <p>22:00h - Maciel Melo 23:30h - Geraciêlho Lima 01:00h - Santanna 02:30h - Farrô Santopê</p> | <p>22/06</p> <p>22:00h - Marcos de Lima 23:30h - Luis e Davi 01:00h - Val Xavier 02:30h - Vicente Nery</p> |
| <p>15/06</p> <p>22:00h - Flávio Leandro 23:30h - Farrô das Fêmeas 01:00h - Bracolese Fôrô</p> | <p>23/06</p> <p>22:00h - Galeguimbe de Gravata 23:30h - Amigos Sertanejos 01:00h - Irail Cadeira 02:30h - Guilherme e Santiago</p> |
| <p>16/06</p> <p>22:00h - Amazon 23:30h - Matij Veller 01:00h - Duemiguitches 02:30h - Capim (ou Mai)</p> | |

Visite o nosso Mercado Municipal, no Pátio do Povo.

Fonte: Acervo pessoal de Etânia Paceli

ANEXO H – Programação do palco principal do São João de Gravata – 2010

Neste São João, Gravata vai fazer a festa junina mais charmosa de Pernambuco. Ruas decoradas, comidas típicas e grandes shows em sete dias de festa. Confira a programação.

| Palco Principal | Polo da Sanfona |
|--|---|
| 18/06 23:00h - JORGE DE ALTEIRO 00:30h - GERALDO AZEVEDO 02:00h - CAPIM COM MEL | 18/06 20:00h - TRIO ORIGINAIS DO FORRÓ 21:30h - DONSTROMIO 23:00h - ROBERTO OLIVEIRA |
| 19/06 22:30h - COWBOYS DO NORDESTE 00:00h - VAL XAVIER 01:30h - BANDA BRUCELÓSE 03:00h - BRASAS DO FORRÓ | 19/06 20:00h - TRIO ASA BRANCA 21:30h - TRIO DO CARACÓ 23:00h - RENOVACÃO NORDESTINA |
| 23/06 21:00h - ESCOLA DE DANÇA PATRÍCIA MACEDO: RETRATANDO O NORDESTE 22:00h - BANDA PINGA FOGO 23:30h - CRISTINA AMARAL 01:00h - JORGE & MATEUS 02:30h - MAGNATAS DO FORRÓ | 20/06 16:00h - TRIO REGIONAL DE GRAVATA 21:30h - TRIO CANARINHOS DO FORRÓ |
| 24/06 22:00h - IRAM CALDEIRA 23:30h - BANDA OS CABRAS DO FORRÓ 01:00h - MARIA CECÍLIA & RODOLFO 02:30h - MACIEL MELO | 23/06 17:00h - TRIO - CHAPÉU DE COURO 21:00h - BENILDA CAROCOSO / BANDA DE PRIMO 22:30h - MARIA FORROZEIRA |
| 25/06 22:30h - CHICO BALA 00:00h - SANTROPÉ 02:00h - BANDA FLORES DA PELE | 24/06 20:00h - TRIO ASA BRANCA 21:30h - MESTRE LIBRINA 23:00h - CARLINHOS K |
| 26/06 22:00h - GALEGUINHO DE GRAVATA 23:30h - LUIZ & DAVI 01:00h - AMAZAN 02:30h - PISADA SERTANEJA | 25/06 20:00h - TRIO CHAPÉU DE COURO 21:30h - CLENE ARAÚJO 23:00h - RICARDO ALEGRIA |
| 27/06 22:30h - MARCOS DE LIMA 00:00h - INSTINTO SELVAGEM 01:30h - GATINHA MANHOSA | 26/06 18:00h - TRIO TERRA NORDESTINA 20:00h - JUCELIO VILELA 21:30h - ROBERTO LINS 23:00h - ARINA COSTA |
| | 27/06 18:00h - ORIGINAIS DO FORRÓ 20:00h - NILTON E ZULIIDE 21:30h - FAZES DO SERTÃO 23:00h - SÉRGIO BUJO |



Fonte: Acervo pessoal de Etânia Paceli

ANEXO I – Programação do palco principal do São João de Gravatá – 2009



SÃO JOÃO DE GRAVATÁ 2009

COM IMENSA ALEGRIA, O PREFEITO DE GRAVATÁ OZANO BRITO VALENÇA, CONVIDA PARA PARTICIPAR DAS FESTIVIDADES JUNINAS 2009.

As festividades do São João de Gravatá, acontecem no período de 12 a 27 de junho. São dois pólos oficiais na cidade e mais três nos distritos. No Pólo principal, dois palcos para shows simultâneos, um corredor de restaurantes panorâmicos e mais de 40 barracas de bebidas e comidas típicas. No Pólo da Sanfona, um pequeno vilarejo com casinhas típicas do interior, pátio de alimentação, igreja, um palco para a apresentação do legítimo forró pé-de-serra, bandas de pifanos e quadrilhas juninas. Ainda haverá um grande palhão de dança que vai garantir o aconchego típico de uma sala de reboco.

A FIM DE MELHOR RECEBÊ-LO, PEDIMOS A GENTILEZA DE CONFIRMAR O DIA ESCOLHIDO PARA NÓS VISITAR ATRAVÉS DO FONE: 81 9657.1680 - ETIANE PACELI

| SEXTA-FEIRA: 12/06/2009 | | | DOMINGO: 14/06/2009 | | |
|--------------------------|----------------------|-------|---------------------------|----------------------|-------|
| DATA | ATRACÇÃO | HORA | DATA | ATRACÇÃO | HORA |
| 12/06/2009 | CAVALHEIRO DO FORRO | 21:30 | 14/06/2009 | NANNO CORRÊA | 21:00 |
| 12/06/2009 | RENILDA CARROSO | 00:00 | 14/06/2009 | IRISH CALDEIRA | 23:30 |
| 12/06/2009 | GABRIEL DO FORRO | 01:30 | 14/06/2009 | SANTANA | 01:00 |
| SÁBADO: 13/06/2009 | | | SEGUNDA-FEIRA: 22/06/2009 | | |
| DATA | ATRACÇÃO | HORA | DATA | ATRACÇÃO | HORA |
| 13/06/2009 | BANDA CAPITAL DO ADE | 21:30 | 22/06/2009 | PEDREIRO ANDREI | 21:00 |
| 13/06/2009 | OSVARDO VALADIA | 00:30 | 22/06/2009 | MARCO DE LIMA | 23:30 |
| 13/06/2009 | CELO E FLORES | 02:00 | 22/06/2009 | ANDRÉ BBO | 01:00 |
| TERÇA-FEIRA: 16/06/2009 | | | SEGUNDA-FEIRA: 23/06/2009 | | |
| DATA | ATRACÇÃO | HORA | DATA | ATRACÇÃO | HORA |
| 16/06/2009 | ALAZAN | 21:00 | 23/06/2009 | CRISTINA AMANAL | 21:30 |
| 16/06/2009 | GALILEU DO GRAVATÁ | 23:30 | 23/06/2009 | ALEX VALENÇA | 00:00 |
| 16/06/2009 | FERRÃO DOCE MEL | 01:00 | 23/06/2009 | BANDA FLORES DE PELE | 01:30 |
| 16/06/2009 | WANDERSON | 02:30 | 23/06/2009 | SANTOPI | 02:30 |
| QUARTA-FEIRA: 17/06/2009 | | | SEXTA-FEIRA: 26/06/2009 | | |
| DATA | ATRACÇÃO | HORA | DATA | ATRACÇÃO | HORA |
| 17/06/2009 | BANDA FLORES DO ADE | 21:30 | 26/06/2009 | BEA MARFIM | 21:00 |
| 17/06/2009 | WALTER | 00:30 | 26/06/2009 | EDU & MARINHA | 23:30 |
| 17/06/2009 | BANDA BRUCE LOPES | 01:00 | 26/06/2009 | GABRIELINA | 01:30 |
| SÁBADO: 20/06/2009 | | | SÁBADO: 27/06/2009 | | |
| DATA | ATRACÇÃO | HORA | DATA | ATRACÇÃO | HORA |
| 20/06/2009 | BANDA AMARIS | 21:30 | 27/06/2009 | FLORES DE ADE | 21:30 |
| 20/06/2009 | VALANTER | 00:30 | 27/06/2009 | EDUARDO | 00:30 |
| 20/06/2009 | JOSÉ DE SETHI | 01:00 | 27/06/2009 | STRABO & OSORNO | 01:00 |
| 20/06/2009 | OSORNO DO SOTE | 01:00 | 27/06/2009 | ELIAS JUNIOR | 02:30 |



PREFEITURA DE GRAVATÁ
COM.BR

WWW.PREFEITURADEGRAVATA.COM.BR

Fonte: Acervo pessoal de Etânia Paceli

ANEXO J – Programação do Palhoção São João de Gravata – 2011

SÃO JOÃO DE GRAVATA 2011
O xodó da gente.

PROGRAMAÇÃO

PALHOÇÃO

| | |
|---|---|
| 10/06 22:00h - Josildo Sá 00:00h - Forró das Marias 02:00h - Soxotear | 18/06 22:00h - Ricardo Alegria 00:00h - Céliene Araújo 02:00h - Jucélio Vilela |
| 11/06 22:00h - Maria da Paz 00:00h - Luiz Sertanejo 02:00h - Maria Forrozeira | 23/06 22:00h - Forró Laços de Mel 00:00h - Chico Bala 02:00h - Renilda Cardoso |
| 12/06 17:00h - Barca Malúka 22:00h - Dom Tronxo 00:00h - Maciel Melo 02:00h - Renovação Nordestina | 24/06 22:00h - Bia Marinho 00:00h - Cia do Forró 02:00h - Forró Xique e Xote |
| 17/06 22:00h - Arina Costa 00:00h - Forroção Chamego Diferente 02:00h - Joiozinho do Acordeon | 25/06 22:00h - Banda Cavalo Schragem 00:00h - Forró Asa Branca 02:00h - Forró Pé de Serra |

E mais!
Forró em Mandacaru, Uruçu Mirim e Russinhas (12, 23 e 28/06) e em São Severino (23 e 24/06).

CENTRO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS Fone: 81.3563.9045
www.saojoaodegravata.com.br

Acervo: Pessoal do Luís Sergio (Forró Xike Xote)

ANEXO L – Programação do palco principal São João de Gravata – 2019



The image shows a vertical poster for the São João de Gravata 2019 festival. At the top, the words "SAO JOAO" are written in large, stylized green letters with a sombrero above them, and "EM GRAVATA" is written below in a blue banner. The background is decorated with colorful floral patterns and stars. The main title "PROGRAMAÇÃO 2019" is prominently displayed, followed by the venue "PATIO DE EVENTOS CHURRE MISSA ZANZAR". The poster lists the schedule for five days: Friday (14th), Saturday (15th), Saturday (21st), Saturday (22nd), and Sunday (23th). Each day lists the performing artists and their acts. At the bottom, there is a photograph of five men, likely the performers, and the logo of the Prefeitura Municipal de Gravata with the slogan "AGORA É CRESCIMENTO".

SAO JOAO
EM GRAVATA

PROGRAMAÇÃO 2019
PATIO DE EVENTOS CHURRE MISSA ZANZAR

14
— SEXTA —
CAPIM COM MEL
AMAZAM
SANA RODADA

15
— SABADO —
GALEGUINHO DE GRAVATA
FULÔ DE MANDACARU
MANO WALTER

21
— SEXTA —
AMIGOS SERTANEJO
GERALDINHO LINS
LÉO MAGALHÃES

22
— SÁBADO —
FORRÔ PRA CURTIR
BRUCELOSE
GUSTAVO MOTO

23
— DOMINGO —
PINGA FOGO
FORRÔ DO LOIRÃO
LEONARDO

PREFEITURA MUNICIPAL DE
GRAVATA
AGORA É CRESCIMENTO

Fonte: Acervo pessoal de Etânia Paceli

ANEXO M – Programação do palco principal e do polo “mercado cultural” do São João de Gravatá – 2015

SÃO JOÃO 2015 EM GRAVATÁ

**PÁTIO DE EVENTOS
CHUCRE MUSSA ZARZAR**

12:00
SEXTA FEIRA
TRIBUTO A LUIZ GONZAGA
SIRANO E SIRINO
AMIGOS SERTANEJOS

13:00
SABADO
VALDIR LYRA
FORRÓ DA FULERAGEM
PIKAP TURBINADA

14:00
DOMINGO
ANDREA SANTOS
DON TRONXO
RICARDO ALEGRIA
FORRÓ DA SERRA

21:00
SUNDAY
TRIBUTO A DOMINGUINHOS
FELIPE E GABRIEL
JORGE DE ALTIHO

20:00
SABADO
GALEGUINHO DE GRAVATA
VALDIRHO PAES
BRUCELOSE

MERCADO CULTURAL

13:00
SABADO
GERCIANO VANERÃO
TRIO HALZER DO SERTÃO

14:00
DOMINGO
IVANILDO VILA NOVA E ZE BALduino
CATIMBO DO PORRÓ

15:00
SEXTA
TRIO MISTURA BRASILEIRA
FORRÓ APROXIMADO

21:00
SUNDAY
LUIZ DA TERRA
LEO DO ACOREQOM
TRIO AMIGOS DA SERRA

22:00
SABADO
TRIO RAIZES DA SERRA
TRIO XODÓ
MOURA ROSSI

23:00
SABADO
TRIO MIGUE ROSSI
TRIO FORRÓ LEGAL

Logos patrocinadores: Gravata, Bradesco, W7, GINNETI, SERRA, SERRA, SERRA, SERRA.

Foto de artistas: Um grupo de sete pessoas, incluindo músicos e cantores, posando para uma foto.

Fonte: Acervo pessoal de Etânia Paceli

ANEXO N – Programação do palco principal e do polo “palco cultural do cruzeiro” do São João de Gravatá – 2008

BRINQUE O SÃO JOÃO EM PAR.

artista homenageado: Vanildo de Pombos

PÁTIO DE EVENTOS CHUCRE MUSSA ZARZAR

| Data | Horário | ATRAÇÃO |
|-----------|---------|---------------------|
| | 22:30h | ROGÉRIO RANGEL |
| 20/jun | 23:30h | IVALDO MACEIÓ |
| (Sexta) | 01:00h | ELIANE |
| | 02:30h | JORGE DE ALTINHO |
| | 22:30h | PETRUCIO AMORIM |
| 21/jun | 00:00h | GENÁRIO E WALQUIRIA |
| (Sábado) | 01:30h | AMAZAN |
| | 03:00h | FABIANA |
| | 22:00h | JUCELIO VILELA |
| 22/jun | 23:30h | NÁDIA MAIA |
| (Domingo) | 01:00h | LEONARDO |
| | 02:30h | MACIEL MELO |
| | 03:30h | MARCOS DE LIMA |
| | 22:00h | ASSISÃO |
| 23/jun | 23:30h | RENILDA CARDOSO |
| (Segunda) | 01:00h | AMELINHA |
| | 02:30h | BANDA PINGA FOGO |
| | 03:30h | FORRÓ MARIPUEIRA |

PALCO CULTURAL DO CRUZEIRO

| Data | Horário | ATRAÇÃO |
|----------|---------|------------------------------------|
| 14/jun | 20:00h | TRADICIONAL PIFANOS |
| (Sábado) | 21:00h | GRUPO DE DANÇA POPULAR DO GAMR |
| | 22:00h | CATIMBÓ DO FORRÓ |
| 18/jun | 20:00h | TRIO RAIZES DO SERTÃO |
| (Quarta) | 21:00h | APRESENTAÇÃO DE BACAMARTEIROS |
| | 21:30h | APRESENTAÇÃO DE QUADRILHAS JUNINAS |
| 21/jun | 20:00h | MAZUCA DO CAIC |
| (Sábado) | 21:00h | SEVERINO BIO CONTADOR DE ESTÓRIAS |
| | 21:30h | BANDA MESTRE LIBRINA |
| | 22:30h | TRIO RAIZ DA TERRA |
| 28/jun | 20:00h | QUADRILHA MEU XODÓ |
| (Sábado) | 20:30h | MESTRE DECA E MESTRE ZUCA |
| | 21:30h | QUADRILHA PÉ DE SERRA NO SERTÃO |
| | 22:00h | TRIO CHAPÉU DE COURO |

Fonte: Acervo pessoal de Etânia Paceli

ANEXO O – Correspondente Alberto Frederico Lins alertando no Diário de Pernambuco em 10 de janeiro de 1950 sobre o estado alarmante de pessoas com “mal de Koch” (tuberculose) na cidade de Gravatá. Muitas pessoas iam até Gravatá a procura da cura deste mal.

Providencia urgente — Em palestra com o dr. Jurandir Correia de Melo, médico-chefe do Posto de Higiene desta cidade, e com o sr. José Calixto Alves, enfermeiro aposentado, o correspondente deste DIÁRIO procurou colher informes certos a respeito da situação precária dos doentes de tuberculose pulmonar, que vivem nesta cidade em promiscuidade assustadora, transmitindo seu mal aos habitantes da mesma. Tanto o dr. Jurandir como o sr. Calixto foram unânimes em declarar a necessidade urgente de um sanatório em **Gravatá**. É alarmante a afluência de pessoas enfermas do mal de Koch nesta cidade, todos em busca de uma cura hipotética, pois como já foi dito pelas colunas deste DIÁRIO no dia 12 de novembro ultimo, o clima já não se presta mais, mesmo por que foi contaminado por centenas desses infelizes, que há vinte annos aqui vêm em busca de saúde. Esse apêlo vai até o Estado, no sentido de providencias sérias a esse respeito, uma vez que **Gravatá** cresce assustadoramente, vivendo seus quinze mil habitantes sujeitos ao contágio inevitável, convivendo diariamente com duzentos ou mais enfermos que aqui residem. Adiantou ainda o sr. Calixto que um Posto de Higiene Estadual, com todos os acessórios clinicos necessários, talvez, resolvesse o problema. Ai fica o apelo de todos os gravataenses, a espera de uma providencia saneadora e humanitária.

Fonte:

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=gravat%C3%A1&pa sta=ano%201950\edicao%2000265&pagfis=109>. Acesso em 4 de jul. de 2021.